



2015

Perfil da Indústria de Materiais de Construção

 FGV PROJETOS


ABRAMAT



FICHA TÉCNICA



Coordenador Geral

Robson Ribeiro Gonçalves

Coordenadora Adjunta

Ana Maria Castelo

Corpo Técnico

Ana Paula Ramos

Andrea de Paiva

Laurent Bröering

Marco Brancher

Roberto Aragão

Sergio Bandeira

SUMÁRIO

Destaques	4
Apresentação: A cadeia produtiva da construção	6
1. A Produção de Materiais de Construção e o Desempenho da Indústria de Transformação em 2014	7
2. Dinâmica Setorial	9
O Perfil da Cadeia	9
Evolução Recente	10
Tributos Gerados pelo Crescimento da Produção e do Emprego	12
Canais de Distribuição	12
3. Nível de Atividade, Desempenho Regional e Comércio Exterior	17
Vendas, PIB e Emprego: Materiais e Equipamentos	17
Crescimento Regional das Vendas: Indústria e Comércio	19
Evolução do Emprego na Indústria e nas Construtoras	23
Comércio Exterior	25
4. Produtividade na indústria de materiais	28
5. Perfis da Indústria de Materiais e de Equipamentos	32
Aços Longos	33
Cimento	35
Concreto e Fibrocimento	37
Material Elétrico	39
Material Plástico	41
Metais Sanitários e Válvulas	43
Produtos Cerâmicos	45
Tintas e Vernizes	47
Vidro e Produtos de Vidro	49
Máquinas e Equipamentos para a Construção	51
Metodologia	53
Anexo 1 - Relação de CNAEs da Indústria de Materiais de Construção	54
Anexo 2 - Revisão dos Segmentos da Indústria de Materiais da Construção	55
Anexo 3 - Conheça a Cadeia da Construção: Elos da produção	56



DESTAQUES

CRESCIMENTO DO PIB DA CADEIA

O PIB da construção teve crescimento real de 1,7% em 2014. Esse resultado, contudo, foi puxado pelo bom desempenho dos serviços (3,6%) e máquinas e equipamentos (1,1%). Tiveram variação negativa a indústria (-5,2%) e o comércio (-0,2%) de materiais de construção.

CONSTRUÇÃO CIVIL

O PIB da construção teve variação de 0,7% em 2014, apesar da desaceleração do ritmo da atividade setorial. Esse resultado pode ser explicado pelo final do ciclo do setor e a consequente entrega de obras iniciadas em anos anteriores.

ARRECADAÇÃO CONTINUA EM ALTA

A arrecadação tributária na cadeia da construção teve crescimento nominal de 7,1% em 2014. Descontada a variação do IGP-DI o crescimento real foi de 1,7%. No caso da indústria de materiais o crescimento nominal da arrecadação foi de 0,5%. Descontada a variação do IGP-DI a arrecadação na indústria foi de 4,6%.

DESEMPENHO DA INDÚSTRIA DE MATERIAIS E EQUIPAMENTOS

O PIB da indústria de materiais e equipamentos teve elevação de 1,2% em termos nominais no confronto entre 2014 e 2013. Descontada a alta de preços, a variação real foi de -4,5%.

O VAREJO DE MATERIAIS TAMBÉM DESACELEROU, IMPACTANDO A INDÚSTRIA

As vendas industriais de materiais de construção tiveram aumento nominal de 0,2% em 2014. Descontada a variação do INCC-Materiais, houve queda real de 5,5%. No varejo de materiais, o crescimento nominal das vendas foi de 6%, variação praticamente idêntica à do INCC-Materiais. Com isso, o crescimento real das vendas de materiais pelo comércio foi nulo.

DESEMPENHO REGIONAL DO COMÉRCIO

As maiores quedas reais no valor das vendas de materiais no varejo se concentraram nas regiões Sul (-1%) e Sudeste (-0,7%). As demais regiões tiveram desempenho levemente positivo, com destaque para o Nordeste (1,6%).

DESEMPENHO REGIONAL DAS VENDAS INDUSTRIAIS

O Centro-Oeste liderou a queda nas vendas industriais, com retração de 7,1% em 2014 frente ao ano anterior, já descontada a influência dos preços. No Distrito Federal, essa queda chegou à casa dos dois dígitos (11,9%). A segunda maior queda ficou com o Sudeste (6,1%). Em todas as demais regiões também foram registradas variações negativas.

EMPREGO

Na comparação entre dezembro de 2014 e igual mês do ano anterior, o emprego na indústria de materiais e equipamentos para construção apresentou queda de 2,3%. O nível de emprego chegou a 837,3 mil postos de trabalho, cerca de 20 mil a menos do que em 2013. Nas construtoras, o recuo foi ainda maior: 4,7% na mesma base de comparação, o equivalente a mais de 163 mil postos de trabalho.

COMÉRCIO EXTERIOR

Os dados revisados e ampliados do comércio exterior mostram que o déficit setorial recuou entre 2013 e 2014, passando de US\$ 4,3 bilhões para US\$ 3 bilhões. As exportações avançaram, passando de US\$ 5,5 bilhões para US\$ 5,8 bilhões. Já as importações recuaram, passando de US\$ 9,8 bilhões para US\$ 8,8 bilhões.



APRESENTAÇÃO



A CADEIA PRODUTIVA DA CONSTRUÇÃO

Dando continuidade a uma parceria exitosa, a Associação Brasileira da Indústria de Materiais de Construção apresenta, em parceria com a Fundação Getúlio Vargas, O Perfil da Cadeia Produtiva da Construção e da Indústria de Materiais. Essa iniciativa, que já se repete há nove anos, visa oferecer aos associados da **ABRAMAT** e ao público em geral uma visão econômica ampla e integrada, estimando e atualizando de maneira contínua os principais indicadores da cadeia e de seus elos.

O ano de 2014 foi, sob diversos aspectos, atípico. A atividade econômica se ressentiu dos efeitos sucessivos da Copa do Mundo, da campanha eleitoral e das incertezas pós-eleições. E a indústria de transformação foi um dos segmentos produtivos onde foram observados os maiores impactos. Isso incluiu, como regra, todos os ramos produtores de materiais de construção. Em meados de junho, o sentimento dos empresários industriais era de paralisia da demanda, especialmente aquela originada no consumo das famílias. A despeito da ligeira retomada no início do segundo semestre, os números do ano fecharam no vermelho sem conseguir sustentar a recuperação que se esboçou em 2013.

Essa dinâmica foi reforçada pela progressiva perda de fôlego das vendas no varejo. Muito embora perdendo espaço para as importações, a indústria brasileira de materiais de construção teve no varejo uma fonte importante de demanda nos anos recentes. Mas esse quadro se alterou em 2014.

Na outra ponta da demanda, as construtoras também reduziram suas atividades. Tanto no segmento imobiliário quanto no de infraestrutura, o ritmo desacelerou fortemente ao longo de 2014. A queda foi sentida na indústria de materiais primeiramente nos segmentos de base e, na sequência, nos de acabamento, seguindo a lógica do ciclo das obras.

Nesse cenário, o alívio relativo veio da taxa de câmbio, cuja alta ao longo do ano encareceu progressivamente as importações, o que levou a um valor menor em dólares. Ainda assim, esse fato não impediu a redução dos níveis de produção da indústria de materiais.

É importante destacar que os números apresentados nessa edição incorporaram amplas revisões das bases de dados do IBGE. Além das versões mais atuais de pesquisas anuais como a PIA – Pesquisa Industrial Anual e da PAIC – Pesquisa Anual da Indústria da Construção, também foi possível utilizar os novos resultados das Contas Nacionais. Por conta disso, foi necessário rever algumas séries históricas e ponderadores utilizados nas estimativas realizadas pela **FGV** para a **ABRAMAT**. Vale lembrar que tais “revisões do passado” das séries são uma prática normal e corriqueira nos mais diferentes países do mundo.

Por conta dessa revisão, os números relativos ao comércio exterior também sofreram alteração. Incorporou-se uma gama mais ampla e mais completa de materiais de construção, o que resultou em dimensões maiores para os níveis absolutos da importação e exportação. Mas a trajetória do saldo comercial, dentre outras características, manteve-se em linha com os estudos anteriores.

1.

A PRODUÇÃO DE MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO E O DESEMPENHO DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO EM 2014

Diversos fatores se somaram ao longo de 2014, resultando na reversão do movimento expansivo ensaiado no ano anterior. Taxas de crescimento negativas foram registradas nos mais diferentes segmentos, com destaque para os bens de capital e para os bens de consumo duráveis. Em seu conjunto, a produção da indústria de transformação teve queda de 4,2%.

Já a produção de insumos típicos da construção recuou 5,9%. Essa queda reverteu por completo o avanço registrado nos anos anteriores (ver tabela 1.1). Em termos médios, o nível da produção setorial em 2014 voltou a ser da mesma ordem de grandeza do registrado em 2010.

Tabela 1.1

Produção física da indústria, 2009-14 Taxas de variação médias anuais por segmento

Segmentos da indústria	2009-2011	2012	2013	2014
Indústria de Transformação	5,1%	-2,4%	2,8%	-4,2%
Bens de Consumo	3,2%	-0,5%	2,6%	-2,3%
Bens de Consumo Duráveis	4,1%	-1,4%	4,4%	-9,1%
Bens de Consumo Não Duráveis	3,0%	-0,2%	2,0%	-0,1%
Bens de Capital	12,9%	-11,2%	12,2%	-9,2%
Bens Intermediários	5,1%	-1,6%	0,4%	-2,7%
Insumos Típicos da Construção	7,9%	0,7%	1,1%	-5,9%

Fonte: IBGE

Apesar da perda de fôlego, o varejo de materiais de construção ainda teve desempenho melhor do que a indústria. Em 2014, as vendas de materiais de construção pelo comércio tiveram alta nominal de 6%. No entanto, descontada a variação de preços, o crescimento real foi nulo. No ano anterior, o crescimento real havia sido de quase 7%. Em parte, a desaceleração do varejo refletiu o caráter atípico do ano. Copa do Mundo e eleições, somados às incertezas pós-eleitorais contribuíram para a redução no volume de vendas. Mas essa estagnação também refletiu a trajetória do consumo das famílias que desacelerou ao longo do ano, encerrando 2014 com alta de apenas 0,9% contra 2,9% no ano anterior. E, o impacto disso sobre a indústria foi relevante, uma vez que cerca de 47% da oferta de materiais de construção (vendas industriais e importações) tem como destino as famílias (ver figura 2.1).

A desaceleração do varejo de materiais em 2014 poderia ter tido efeito ainda mais negativo sobre a indústria não fosse o recuo das importações. Considerando os números revisados de vendas industriais e de comércio exterior, a participação das importações no mercado local recuou de 13% em 2013 para 11,6% em 2014. Esse recuo, mensurado em reais ao câmbio médio de cada ano, parece pouco expressivo. Mas, se a participação das importações tivesse se mantido nos níveis de 2013, as vendas da indústria no ano passado teriam sido cerca de R\$ 2 bilhões a menos do que o efetivamente registrado.

Por sua vez, o fim do ciclo expansivo da construção civil foi outro fator de impacto. As construtoras respondem por quase 1/4 das vendas diretas da indústria e por 42% da demanda de materiais que escoam por todos os canais de distribuição (ver figura 2.1). O indicador síntese do desempenho da construção civil é o emprego que teve queda de 4,7% em 2014 no confronto entre dezembro daquele ano e o mesmo mês do ano anterior.

Conclui-se que o mau desempenho da produção da indústria de materiais em 2014 foi resultado da soma de elementos atípicos com fatores de caráter mais estrutural. Dentre estes, merecem destaque o fim do ciclo expansivo da construção e o esgotamento do padrão de crescimento centrado no consumo das famílias. Somou-se a isso o movimento de elevação das taxas de juros e o consequente encarecimento do crédito que afetaram diversos dos componentes da demanda final por materiais, desde as famílias (compras para reforma e autoconstrução) até as obras imobiliárias e de infraestrutura.

2.

Dinâmica Setorial

2.1 O PERFIL DA CADEIA

Em 2014, o valor adicionado pela cadeia produtiva da construção somou R\$ 470,3 bilhões, representando 8,5% do PIB brasileiro. Para adicionar esse valor à economia, foram consumidos R\$ 576 bilhões em bens e serviços.

A cadeia foi responsável por 12,3 milhões de ocupados, o que gerou R\$ 205,6 bilhões de remunerações e R\$ 257,7 bilhões de excedente operacional.

O setor da construção, como principal elo da cadeia, abrangeu 65,2% do valor gerado e 69,7% das ocupações. Em termos absolutos, o setor gerou um valor adicionado de R\$ 306,7 bilhões, ocupando 8,6 milhões de pessoas. A indústria de materiais representou 12,2% do valor adicionado da cadeia, ou ainda R\$ 57,3 bilhões em termos absolutos, o que somado à participação da indústria de máquinas e equipamentos alcançou 13,9% ou R\$ 65,1 bilhões.

Tabela 2.1.1

Produção, renda e ocupação na cadeia da construção em 2014 (R\$ milhões)

Operações	Elos de produção				Total da cadeia (A+B+C+D)
	Fornecedores			Construção (D)	
	Outros elos** (A)	Materiais de construção (B)	Máquinas e equipamentos (C)		
Valor adicionado bruto (PIB)	98.497	57.334	7.819	306.675	470.326
Remunerações	45.008	26.823	4.290	129.503	205.625
Excedente operacional bruto e rendimento misto bruto	52.014	29.190	3.316	173.153	257.674
Outros impostos sobre a produção e subsídios	1.475	1.321	213	4.018	7.027
Consumo intermediário	93.863	109.285	17.067	355.758	575.973
Valor da produção	192.361	166.619	24.886	662.433	1.046.299
Fator trabalho (pessoas) *	2.887.552	781.347	55.924	8.568.503	12.293.327

Fonte: FGV. (*) Inclui proprietários e sócios, empregados com e sem carteira de trabalho e trabalhadores por conta própria; média no ano. (**) Inclui comércio de materiais e serviços da construção.

Do ponto de vista da geração de valor, o comércio de materiais é o terceiro principal elo, com R\$ 44,8 bilhões, ou 9,5% do VA da cadeia. No entanto, responde pelo segundo maior contingente de ocupados com 1,2 milhão de pessoas.

Tabela 2.1.2

PIB e ocupação na cadeia da construção (2014)

Elos da cadeia	PIB		Pessoal ocupado	
	R\$ milhão	(%)	Pessoas	(%)
Construção	306.675	65,2%	8.568.503	69,7%
Indústria de materiais	57.334	12,2%	781.347	6,4%
Comércio de materiais	44.778	9,5%	1.170.408	9,5%
Serviços	22.679	4,8%	601.895	4,9%
Máquinas e equipamentos	7.819	1,7%	55.924	0,5%
Outros fornecedores	31.040	6,6%	1.115.249	9,1%
Total da Cadeia	470.326	100,0%	12.293.327	100,0%

Fonte: FGV.

2.2 A EVOLUÇÃO RECENTE

Em 2014, a cadeia produtiva da construção manteve sua participação na economia brasileira no mesmo patamar do ano anterior, ou seja, 8,5% do PIB. Essa estabilidade é resultado de um baixo crescimento, apenas 1,7% em relação a 2013.

Vale observar que os componentes da cadeia tiveram desempenhos bastante distintos no ano. O setor da construção registrou alta real de 0,7% em seu VA¹, confirmando, assim a perda de dinamismo já observada em 2013, quando o crescimento foi de apenas 0,3%.

Por sua vez, a indústria de materiais registrou o pior desempenho entre todos os elos da cadeia, com retração de 5,2% em seu VA, acusando a forte desaceleração da atividade da construção. O comércio teve ligeira retração de 0,2%. O segmento de serviços registrou alta de 3,6% e a indústria de máquinas e equipamentos, de 1,1%, o que representou uma desaceleração forte ante a alta de 25% no ano anterior.

O baixo crescimento da cadeia em 2014 confirma a mudança na dinâmica já observada a partir do segundo semestre de 2013 e que está sendo comandado por seu maior componente, o setor da construção.

Vale lembrar que a produção total da construção é resultado do que é produzido pelas empresas, por pequenos empreiteiros e diretamente pelas famílias, sendo que esses dois últimos respondem por uma parcela significativa do segmento informal existente no setor. Além disso, pode-se classificar a produção da construção em três

¹ Valor corrigido pelo INCC-DI.

grandes segmentos: edificações; infraestrutura e serviços especializados. Dessa forma, o baixo crescimento do setor nos dois últimos anos decorreu, em maior medida, da queda das atividades observadas no segmento formal do setor, cujo principal agente são as empresas, e em especial, deveu-se ao gradativo encerramento do ciclo do mercado imobiliário iniciado em 2007 e que teve sua fase áurea em 2011.

Os números do emprego com carteira² mostram esse ciclo: em 2011, o emprego no segmento de edificações aumentou 8%, em 2014, houve queda de quase 6%. Por outro lado, as obras de acabamento, que entram parte final do ciclo, sofreram menos. O emprego manteve-se praticamente estável com ligeira retração de 0,11%.

Vale notar que em 2014, persistiu o movimento iniciado em 2012, com redução do número de lançamentos e nas vendas em grande parte das cidades do País.

O mercado de crédito para a habitação também refletiu o fim do ciclo imobiliário e ainda o aperto monetário que levou ao aumento das taxas de juros. Empresas e famílias viram o crédito tornar-se mais caro e difícil.

Em 2014, as concessões de financiamento habitacional com recursos da poupança somaram R\$ 112,9 bilhões, correspondendo a 538,3 mil unidades financiadas. Na comparação com 2013, houve crescimento de 3,4% e 1,6% respectivamente. O fim do ciclo imobiliário refletiu-se na composição do crédito: caíram os financiamentos à produção (-2,6%) e aumentaram aqueles voltados à aquisição de imóveis prontos (5,9%), novos e usados. Por sua vez, 486,2 mil unidades foram financiadas com recursos do FGTS, totalizando R\$ 44 bilhões de recursos, um aumento de 9,5% em relação 2013, indicando que o segmento da habitação de interesse social representou uma força importante na sustentação da atividade setorial no ano. Ou ainda, as obras e contratações do MCMV contribuíram para atenuar a retração do mercado de renda mais alta – foram contratadas 528 mil unidades no ano.

No que diz respeito à área de infraestrutura, a entrega de empreendimentos relacionados à Copa também contribuiu para a diminuição da atividade setorial, particularmente a partir do segundo semestre. As obras do PAC tiveram o ritmo reduzido em decorrência das dificuldades fiscais do governo. Assim, o emprego com carteira na infraestrutura fechou o ano de 2014 com redução de 6,8% em relação a 2013.

A demanda das famílias por reformas e construções realizadas pelo segmento de auto-gestão também foi afetada pelas condições mais difíceis de acesso ao crédito e perda de poder aquisitivo. A queda no VA do comércio de materiais de construção reflete esse novo cenário. O volume de vendas do comércio de materiais de construção registrou crescimento nulo em 2014. Vale lembrar que no anterior houve crescimento de 6,9%.

Por sua vez, a indústria de materiais sofreu com a retração da demanda de construtoras e famílias. A produção de insumos típicos da construção caiu 6% em 2014 – o pior resultado da indústria de materiais desde 2009, quando a pesquisa do IBGE indicou uma retração superior a 6%. Os números negativos do cimento e de artigos de fibrocimento, de -2,5% e -4,6%, respectivamente, indicam uma retração que atingiu mais fortemente a parte inicial do processo de produção – os materiais básicos. Os materiais de acabamento ainda foram beneficiados pelas obras em sua etapa final: a produção de produtos cerâmicos encerrou o ano com elevação de 3,4%.

² Pesquisa SindusCon-SP/FGV a partir dos dados da Rais/Caged

2.3 TRIBUTOS GERADOS PELO CRESCIMENTO DA PRODUÇÃO E DO EMPREGO

Em 2014, os impostos e taxas gerados pelas atividades da cadeia produtiva da construção somaram R\$ 115,6 bilhões, correspondendo a 24,6% do VA da cadeia. O total de tributos arrecadados em todos os elos registrou crescimento nominal de 7,17%, o que corrigido pela inflação representou alta de 1,72%.

Os impostos sobre a renda e a propriedade representaram a maior parte dos tributos arrecadados, 58% ou R\$ 67 bilhões. Os impostos sobre a produção e importação somaram R\$ 48,6 bilhões.

O setor da construção respondeu por 65% do total dos tributos gerados pela cadeia. Na indústria de materiais e equipamentos, o total de tributos somou R\$ 15,7 bilhões.

Tabela 2.3.1

Carga tributária na cadeia da construção em 2014 (R\$ milhões)

Impostos	Elos de produção				Total da cadeia (A+B+C+D)
	Fornecedores			Construção (D)	
	Outros elos (A)*	Materiais de construção (B)	Máquinas e equipamentos (C)		
Impostos sobre produção e importação	8.981	6.631	1.151	31.837	48.600
Impostos sobre renda e propriedade	15.575	7.070	1.008	43.379	67.032
Receita tributária	24.555	13.701	2.159	75.216	115.632
Carga tributária sobre o PIB	24,9%	23,9%	27,6%	24,5%	24,6%

Fonte: FGV. (*) Inclui comércio de materiais, serviços especializados da construção e atividades de elaboração de projetos.

2.4 CANAIS DE DISTRIBUIÇÃO

Como nas edições anteriores, o fluxo da cadeia da construção civil foi mapeado a partir dos dados mais recentes, desde os segmentos ofertantes (indústria e importações) até o consumo final (construtoras, famílias, exportações), passando pelos canais de comercialização (varejo e atacado).

Os gráficos a seguir mostram as principais relações entre os elos da cadeia, desde a origem (produção da indústria local e importações) até os usuários finais (construtoras, famílias e outros). Todas as estimativas foram feitas a partir dos valores transacionados em reais correntes e não em volumes físicos de produção. No caso do comércio exterior, esse é um elemento relevante. Assim, muito embora as importações tenham caído em dólares, sua participação na oferta total de materiais de construção no mercado brasileiro é mensurada em reais. Por conta disso, dada a alta da taxa de câmbio, a redução na parcela de importações na oferta total caiu de forma menos expressiva do que o valor das importações em dólares.

Na comparação com 2013, a composição das vendas da indústria sofreu pequenas modificações em linha com a dinâmica setorial. A participação das construtoras caiu de 24,1% para 24,0%, reflexo do fim do ciclo expansivo (gráfico 2.1) e a parcela do atacado seguiu a mesma linha, caindo de 19,5% para 18,5%.

Por sua vez, as compras das construtoras também revelaram recuo do atacado, cuja fatia passou de 25,7% para 24,5%, bem como aumento da parcela das importações de 7,7% em 2013 para 9,2% em 2014. A participação das compras feitas diretamente da indústria ganhou terreno, passando de 45,8% para 46,1%. Ainda assim, essa permaneceu sendo a principal fonte de oferta de materiais para as construtoras (gráfico 2.2).

As vendas da indústria para as construtoras concentram-se no segmento imobiliário (edificações residenciais e não-residenciais), cujas empresas ainda respondem por mais da metade dessas operações. No entanto, a parcela dos serviços especializados para construção avançou, enquanto os outros dois segmentos perderam terreno na comparação com 2013 (gráfico 2.3). Dado que muitas das empresas prestadoras de serviços atuam nas etapas finais das obras, diante da desaceleração setorial, compreende-se que sua participação nas vendas da indústria tenha se elevado no ano passado.

As vendas do varejo permaneceram fortemente concentradas nas famílias (gráfico 2.4), com mudanças apenas marginais em relação ao ano anterior. A distribuição das vendas do atacado de materiais também sofreu pouca modificação, mas a parcela do varejo se ampliou às custas do componente "outros" composto por compradores como condomínios, fábricas, prefeituras e hospitais (gráfico 2.5).

Por fim, a distribuição das importações é apresentada no gráfico 2.6. Por conta da revisão dos dados de comércio exterior, as informações do gráfico não são diretamente comparáveis com as da edição anterior deste estudo. Ainda assim, nota-se que a distribuição manteve o padrão histórico, com parcelas semelhantes para o varejo, a indústria e as construtoras e uma participação mais discreta do atacado.

A figura 2.1 resume as principais relações na cadeia da construção, desde a origem até o destino final.

Figura 2.1

Origens, canais de distribuição e destino dos materiais de construção, 2014

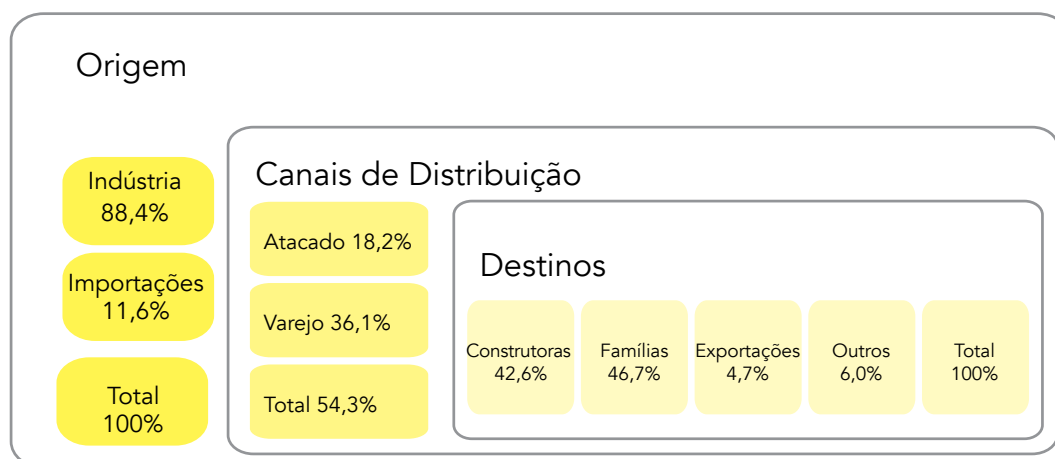


Gráfico 2.1

Composição das vendas da indústria, 2014



Gráfico 2.2

Composição das compras das construtoras, 2014

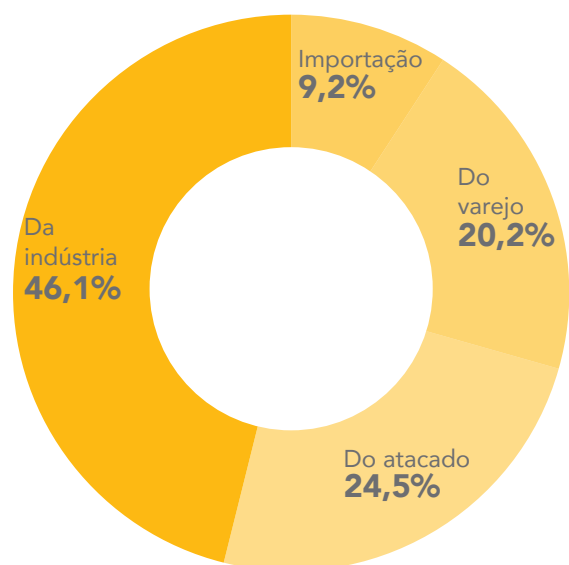


Gráfico 2.3

Composição das compras de materiais de construção pelas construtoras segundo atividade, 2014

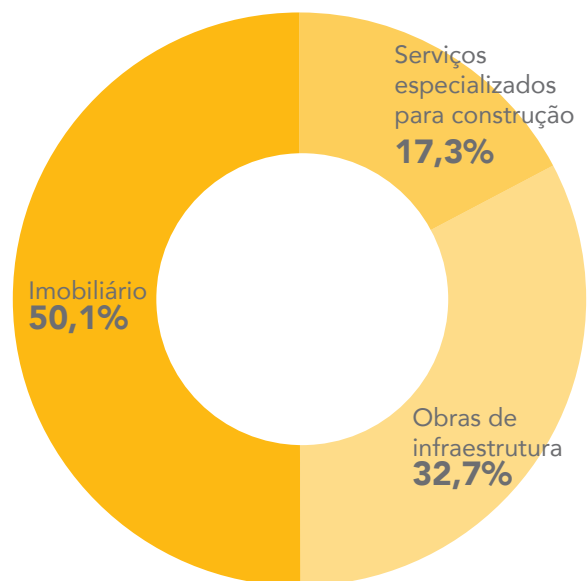


Gráfico 2.4

Composição das vendas do varejo, 2014

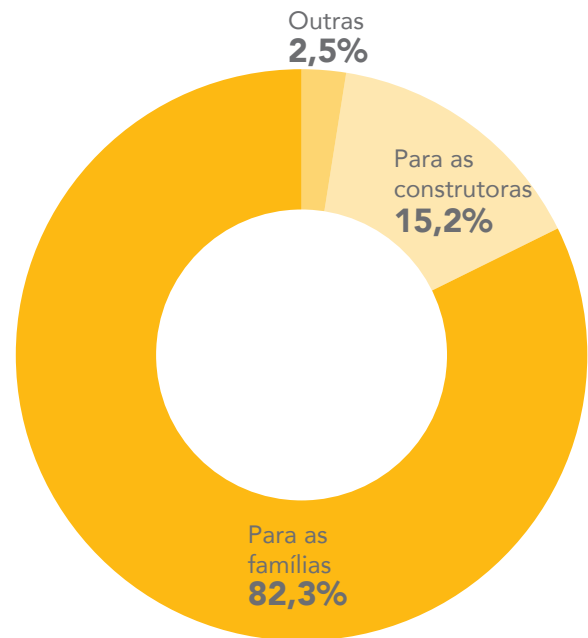


Gráfico 2.5

Composição das vendas do atacado, 2014

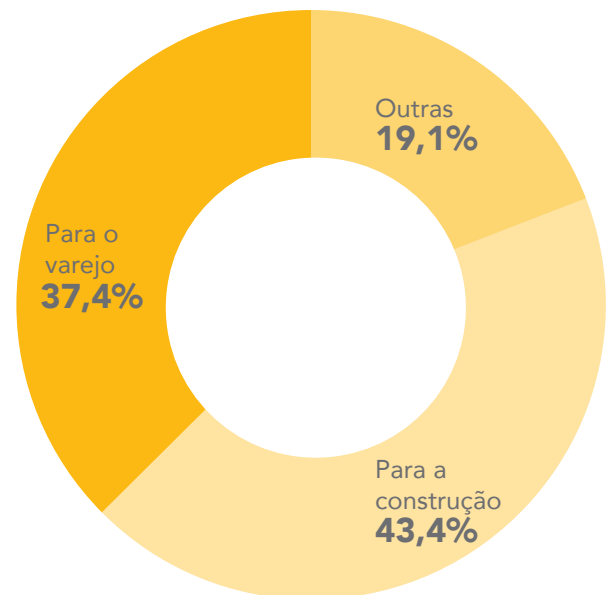
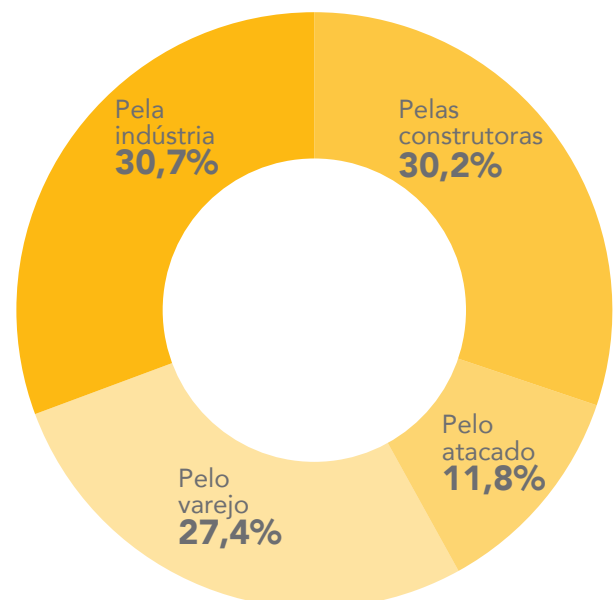


Gráfico 2.6

Composição das importações, 2014



A figura 2.1 sintetiza o fluxo ao longo da cadeia. Todas as parcelas foram redimensionadas tendo em vista a revisão tanto das bases do IBGE quanto dos dados de comércio exterior. A participação das importações (em reais correntes) na oferta global cresceu em comparação ao ano anterior. Considerando a nova metodologia, os dados de 2013 foram reestimados para permitir a comparação com 2014. Com isso, a participação das importações no mercado brasileiro de materiais de construção passou de 12,2% em 2013 para 13,6% no ano passado.

Refletindo a desaceleração no comércio de materiais, o escoamento da oferta através do atacado e do varejo se reduziu, passando de 57,7% em 2013 para 50,2% em 2014. A participação das famílias enquanto destino final da oferta de materiais de construção, passou de 45,9% para 45,6% no mesmo período. As construtoras, por sua vez, ampliaram a sua participação relativa no destino final de 40,9% em 2013 para 41,6% em 2014. Todos os demais destinos finais perderam espaço em termos relativos, com destaque para o componente "outros", formado por demandantes como prefeituras, hospitais, condomínios comerciais, hotéis etc.

Vale destacar que esse avanço da participação das construtoras enquanto destino final da produção ocorreu em um contexto de desaceleração do ritmo das obras. Ainda assim, diversos projetos encontravam-se na fase de acabamento em 2014, fato que acabou por sustentar a demanda por materiais de acabamento. Estes materiais, por sua vez, são adquiridos, em grande medida, por empresas prestadoras de serviços, especializadas em tarefas da fase de encerramento das obras, responsáveis por mais de 17,3% das compras de materiais pela construção civil (ver gráfico 2.3).

3.

Nível de atividade, desempenho regional e comércio exterior

3.1 VENDAS, PIB E EMPREGO: MATERIAIS E EQUIPAMENTOS

O valor das vendas da indústria de materiais, máquinas e equipamentos da construção cresceu nominalmente 1,2% em 2014 frente a 2013, atingindo R\$ 180,4 bilhões. O resultado de 2014 teve características distintas entre os segmentos do setor. Enquanto o valor nominal das vendas da indústria de materiais permaneceu praticamente estável, com alta de apenas 0,2%, os segmentos produtores de máquinas e equipamentos registraram alta de 8,8% no mesmo indicador. Esse desempenho relativamente melhor da venda de máquinas e equipamentos já havia sido registrado em 2013 e, em parte, foi resultado dos incentivos de crédito, com destaque para a atuação do BNDES.

Vale notar que, descontada a variação do INCC-DI Materiais, a queda no valor real das vendas de materiais foi de -5,5%. No entanto, segundo o IBGE, o volume de produção física de insumos típicos da construção teve recuo de 5,9%. Vistos em conjunto, esses dois indicadores sugerem que a desaceleração da atividade econômica ao longo do ano motivou um movimento de redução de estoques por parte das empresas do setor, típico das fases de contração dos ciclos de negócios.

O PIB do setor teve queda real de 4,5%. Mais uma vez, o desempenho dos segmentos produtores de materiais ficou abaixo da indústria de máquinas e equipamentos para construção. As variações reais no indicador em 2014 foram de -5,2% e 0,5%. Ainda assim, o bom desempenho do segmento de máquinas foi puxado pela produção de equipamento para uso na extração mineral, único ramo a apresentar crescimento do PIB acima da inflação setorial (ver tabela 3.1).

Vale notar que, de acordo com as contas nacionais, em 2014, o PIB industrial brasileiro registrou queda real de 1,2%. Considerando apenas a indústria de transformação, o resultado foi ainda pior: recuo de 3,8%. Por sua vez, a formação bruta de capital fixo, que inclui todos os segmentos da construção, recuou 4,4%.

Tabela 3.1

Vendas, geração de renda e ocupação na indústria de materiais e equipamentos, 2014

Segmentos	Vendas industriais* R\$ milhões	Participação %	PIB ** R\$ milhões	Participação %	Pessoal ocupado*** Pessoas	Participação %
Indústrias de materiais de construção	156.719	86,9%	57.334	88,0%	781.347	93,3%
Extração de pedra, areia e argila	9.845	5,5%	5.179	7,9%	64.719	7,7%
Artefatos têxteis, exceto vestuário	198	0,1%	67	0,1%	4.160	0,5%
Desdobramento de madeira	941	0,5%	444	0,7%	12.206	1,5%
Produtos de madeira, cortiça e material trançado - exceto móveis	7.335	4,1%	2.979	4,6%	52.521	6,3%
Produtos derivados do petróleo	2.322	1,3%	751	1,2%	422	0,1%
Tintas, vernizes, esmaltes, lacas e afins	7.372	4,1%	2.258	3,5%	14.683	1,8%
Produtos e preparados químicos diversos	1.142	0,6%	328	0,5%	3.576	0,4%
Produtos de material plástico	11.806	6,5%	3.530	5,4%	69.111	8,3%
Vidro e de produtos do vidro	1.918	1,1%	719	1,1%	9.801	1,2%
Cimento	19.784	11,0%	7.844	12,0%	17.867	2,1%
Artefatos de concreto, cimento, fibrocimento, gesso e semelhantes	21.928	12,2%	7.825	12,0%	128.660	15,4%
Produtos cerâmicos	15.834	8,8%	7.058	10,8%	166.290	19,9%
Aparelhamento de pedras e fabr. de outros produtos de minerais não metálicos	6.262	3,5%	2.488	3,8%	32.374	3,9%
Siderurgia	11.652	6,5%	3.217	4,9%	12.197	1,5%
Tubos de aço, exceto tubos sem costura	3.582	2,0%	1.032	1,6%	5.857	0,7%
Metalurgia de metais não ferrosos	4.252	2,4%	779	1,2%	5.140	0,6%
Fundição	144	0,1%	58	0,1%	1.913	0,2%
Estruturas metálicas e obras de caldeiraria pesada	12.137	6,7%	5.410	8,3%	108.292	12,9%
Tanques, reservatórios metálicos e caldeiras	923	0,5%	354	0,5%	3.112	0,4%
Outros produtos de metal	910	0,5%	290	0,4%	7.389	0,9%
Eletrodomésticos	959	0,5%	258	0,4%	2.624	0,3%
Equipamentos e aparelhos elétricos não especificados anteriormente	317	0,2%	150	0,2%	2.709	0,3%
Motores, bombas, compressores e equipamentos de transmissão	2.296	1,3%	800	1,2%	7.746	0,9%
Equipamentos para distribuição e controle de energia elétrica	12.859	7,1%	3.519	5,4%	47.978	5,7%
Indústrias de máquinas e equipamentos para construção	23.679	13,1%	7.819	12,0%	55.924	6,7%
Artigos de cutelaria, de serralheria e ferramentas	1.481	0,8%	680	1,0%	12.082	1,4%
Máquinas e equipamentos de uso geral	7.693	4,3%	2.889	4,4%	27.210	3,2%
Máquinas e equipamentos de uso na extração mineral e na construção	14.197	7,9%	4.250	6,5%	16.632	2,0%
Total	180.397	100,0%	65.182	100,0%	837.271	100,0%

Fonte: FGV.

Notas: * Receita líquida de vendas de produtos industriais ** Valor adicionado. *** Com carteira de trabalho; valores referentes a dezembro. Para detalhamento dos produtos em cada segmento ver anexo 1.

3.2 CRESCIMENTO REGIONAL DAS VENDAS: INDÚSTRIA E COMÉRCIO

Em termos regionais, o desempenho das vendas da indústria foi bastante desigual em 2014 (tabela 3.2.1). Sudeste e Centro-Oeste tiveram recuo no faturamento nominal. Nas demais regiões, o desempenho das vendas foi ligeiramente positivo. As piores variações foram observadas no Rio Grande do Norte (-6,7%) e no Distrito Federal (-6,6%). No extremo oposto, o maior crescimento se deu na Paraíba (4%).

A participação das grandes regiões geográficas e principais estados da Federação as vendas industriais sofreu pouca alteração (tabela 3.2.1). Permanece a concentração no Sudeste, responsável por quase metade do mercado nacional, seguindo-se as regiões Sul (25%), Nordeste (14,6%), Centro Oeste (5,6%) e Norte (5%).

Apesar da menor concentração geográfica, o quadro é semelhante em termos da distribuição das vendas do comércio de materiais de construção (tabela 3.2.2). Chama a atenção que, no caso desse indicador, o Nordeste assume a segunda colocação, logo atrás do Sudeste.

Em 2014, houve crescimento nominal das vendas no comércio de materiais em todas as grandes regiões do país. Ainda assim, alguns estados registraram variações negativas. Esse foi o caso de Amapá, Sergipe e Distrito Federal, dentre outros. As taxas de crescimento mais expressivas foram verificadas no Acre (17,2%), Roraima (16,6%) e Mato Grosso (14,6%).

² Valor das importações FOB - Free on Board.

Tabela 3.2.1

Distribuição e crescimento regionais da indústria de materiais, 2014

Regiões e Unidades da Federação	Vendas da indústria*		
	R\$ milhões	Participação	Crescimento
NORTE	7.819.742	5,0%	0,9%
Rondônia	1.120.261	0,7%	-2,0%
Acre	342.536	0,2%	-3,5%
Amazonas	1.950.958	1,2%	3,4%
Roraima	124.661	0,1%	3,0%
Pará	3.380.250	2,2%	1,1%
Amapá	150.866	0,1%	1,4%
Tocantins	750.210	0,5%	0,3%
NORDESTE	22.940.181	14,6%	0,2%
Maranhão	1.939.540	1,2%	-4,1%
Piauí	1.206.738	0,8%	1,2%
Ceará	4.049.600	2,6%	1,2%
Rio Grande do Norte	1.668.506	1,1%	-6,7%
Paraíba	1.776.882	1,1%	4,0%
Pernambuco	4.978.752	3,2%	0,3%
Alagoas	630.416	0,4%	3,2%
Sergipe	1.396.911	0,9%	1,2%
Bahia	5.292.837	3,4%	1,4%
SUDESTE	78.028.399	49,8%	-0,5%
Minas Gerais	18.523.713	11,8%	1,3%
Espírito Santo	5.053.623	3,2%	1,5%
Rio de Janeiro	8.589.793	5,5%	-0,4%
São Paulo	45.861.270	29,3%	-1,4%
SUL	39.217.569	25,0%	1,7%
Paraná	13.325.962	8,5%	0,2%
Santa Catarina	15.029.096	9,6%	3,3%
Rio Grande do Sul	10.862.510	6,9%	1,2%
CENTRO-OESTE	8.712.956	5,6%	-1,5%
Mato Grosso do Sul	1.359.662	0,9%	-2,8%
Mato Grosso	2.464.762	1,6%	-3,6%
Goiás	4.065.697	2,6%	1,5%
Distrito Federal	822.835	0,5%	-6,6%
BRASIL	156.718.848	100,0%	0,2%

Fonte: FGV.

Nota: *Vendas em R\$ correntes. Não inclui máquinas e equipamentos para construção.

Tabela 3.2.2

Distribuição e crescimento regionais das vendas do varejo de materiais, 2014

Regiões e Unidades da Federação	Vendas do varejo*		
	R\$ milhões	Participação	Crescimento
NORTE	8.007	7,7%	6,2%
Rondônia	1.355	1,3%	-3,3%
Acre	305	0,3%	17,2%
Amazonas	1.573	1,5%	5,2%
Roraima	177	0,2%	16,6%
Pará	3.424	3,3%	11,5%
Amapá	373	0,4%	-5,0%
Tocantins	801	0,8%	4,4%
NORDESTE	22.918	21,9%	7,8%
Maranhão	2.365	2,3%	2,9%
Piauí	1.165	1,1%	13,0%
Ceará	3.121	3,0%	9,1%
Rio Grande do Norte	1.483	1,4%	2,5%
Paraíba	1.817	1,7%	9,6%
Pernambuco	4.619	4,4%	12,7%
Alagoas	1.269	1,2%	-0,1%
Sergipe	962	0,9%	-0,8%
Bahia	6.118	5,9%	8,7%
SUDESTE	44.962	43,0%	5,3%
Minas Gerais	11.456	11,0%	6,7%
Espírito Santo	2.111	2,0%	3,6%
Rio de Janeiro	7.573	7,2%	6,4%
São Paulo	23.822	22,8%	4,5%
SUL	17.802	17,0%	5,0%
Paraná	7.074	6,8%	4,0%
Santa Catarina	5.258	5,0%	7,1%
Rio Grande do Sul	5.470	5,2%	4,3%
CENTRO-OESTE	10.799	10,3%	7,0%
Mato Grosso do Sul	1.593	1,5%	5,1%
Mato Grosso	2.383	2,3%	14,6%
Goiás	4.947	4,7%	7,5%
Distrito Federal	1.875	1,8%	-1,1%
BRASIL	104.488	100,0%	6,0%

Fonte: FGV.

Nota: *Vendas em R\$ correntes. Não inclui máquinas e equipamentos para construção.

Tabela 3.2.3

Ranking regional nas vendas de materiais de construção, 2014

Vendas da indústria			Vendas do varejo		
ordem	Unidade da Federação	R\$ milhões	ordem	Unidade da Federação	R\$ milhões
1	São Paulo	45.861.270	1	São Paulo	23.822
2	Minas Gerais	18.523.713	2	Minas Gerais	11.456
3	Santa Catarina	15.029.096	3	Rio de Janeiro	7.573
4	Paraná	13.325.962	4	Paraná	7.074
5	Rio Grande do Sul	10.862.510	5	Bahia	6.118
6	Rio de Janeiro	8.589.793	6	Rio Grande do Sul	5.470
7	Bahia	5.292.837	7	Santa Catarina	5.258
8	Espírito Santo	5.053.623	8	Goiás	4.947
9	Pernambuco	4.978.752	9	Pernambuco	4.619
10	Goiás	4.065.697	10	Pará	3.424
11	Ceará	4.049.600	11	Ceará	3.121
12	Pará	3.380.250	12	Mato Grosso	2.383
13	Mato Grosso	2.464.762	13	Maranhão	2.365
14	Amazonas	1.950.958	14	Espírito Santo	2.111
15	Maranhão	1.939.540	15	Distrito Federal	1.875
16	Paraíba	1.776.882	16	Paraíba	1.817
17	Rio Grande do Norte	1.668.506	17	Amazonas	1.573
18	Sergipe	1.396.911	18	Mato Grosso do Sul	1.593
19	Mato Grosso do Sul	1.359.662	19	Rio Grande do Norte	1.483
20	Piauí	1.206.738	20	Rondônia	1.355
21	Rondônia	1.120.261	21	Alagoas	1.269
22	Distrito Federal	822.835	22	Piauí	1.165
23	Tocantins	750.210	23	Sergipe	962
24	Alagoas	630.416	24	Tocantins	801
25	Acre	342.536	25	Amapá	373
26	Amapá	150.866	26	Acre	305
27	Roraima	124.661	27	Roraima	177

Fonte: FGV.

Nota: *Vendas em R\$ correntes. Não inclui máquinas e equipamentos para construção.

O *ranking* das unidades da Federação também permaneceu relativamente estável na comparação entre 2014 e 2013 (tabela 3.4). No caso das vendas da indústria, os cinco maiores estados respondem por mais de 65% do total. Já as vendas no comércio de materiais são menos concentradas. Ainda assim, os cinco maiores mercados estaduais representam, juntos, mais da metade do valor total das vendas registradas em 2014.

3.3 EVOLUÇÃO DO EMPREGO NA INDÚSTRIA E NAS CONSTRUTORAS

O nível de emprego na indústria de materiais e equipamentos para construção recuou em 2014. No ano, foram fechados pouco mais de 20 mil postos de trabalho, o equivalente a uma queda de 2,3%. Nos segmentos produtores de materiais, a redução do nível de emprego chegou a 18,7 mil postos ou 2,3% em relação ao ano anterior. Já nos ramos produtores de máquinas e equipamentos, a retração do emprego foi de 1.265 postos ou 2,2% na comparação dezembro de 2014 contra dezembro de 2013. Ao final do ano passado, o nível de emprego na indústria de materiais e equipamentos era de 837 mil trabalhadores.

Ainda assim, o desempenho do emprego industrial foi melhor do que o registrado nas construtoras. Na mesma base de comparação, a construção demitiu quase 164 mil trabalhadores, o que resultou em retração de 4,7% no nível de emprego nesse elo da cadeia. Em dezembro de 2014, o nível de emprego nas construtoras era de 3,3 milhões de trabalhadores.

Considerando o desempenho regional em 2014, o Centro-Oeste se destaca negativamente. As quedas no emprego foram mais expressivas na região, tanto na indústria de materiais quanto nas construtoras. No caso destas últimas, as variações negativas atingiram a casa de dois dígitos em Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e no Distrito Federal. Também houve quedas expressivas no emprego das construtoras em estados como Amazonas, Pernambuco e Amapá, dentre outros, todos com variações na casa dos dois dígitos.

Tabela 3.3.1

Distribuição regional e crescimento do emprego na indústria de materiais e nas construtoras, 2014

Regiões e Unidades da Federação	Indústria de materiais		Construtoras	
	Emprego*	Crescimento	Emprego*	Crescimento
NORTE	41.777	-1,6%	210.178	-7,5%
Rondônia	5.985	-4,5%	30.541	-16,2%
Acre	1.830	-5,9%	7.153	-15,0%
Amazonas	10.423	0,8%	31.190	-21,2%
Roraima	666	0,5%	3.529	-3,7%
Pará	18.059	-1,4%	115.908	0,4%
Amapá	806	-1,1%	7.658	-19,1%
Tocantins	4.008	-2,2%	14.199	0,7%
NORDESTE	122.558	-2,3%	723.735	-6,0%
Maranhão	10.362	-6,5%	57.195	-12,7%
Piauí	6.447	-1,4%	38.856	-3,3%
Ceará	21.635	-1,3%	113.006	7,6%
Rio Grande do Norte	8.914	-9,0%	47.940	-6,0%
Paraíba	9.493	1,4%	52.548	0,7%
Pernambuco	26.599	-2,3%	147.481	-16,9%
Alagoas	3.368	0,6%	35.149	-2,1%
Sergipe	7.463	-1,3%	33.621	-2,4%
Bahia	28.277	-1,1%	197.939	-5,0%
SUDESTE	416.867	-3,0%	1.653.494	-4,1%
Minas Gerais	98.963	-1,3%	377.233	-7,0%
Espírito Santo	26.999	-1,0%	65.986	-7,3%
Rio de Janeiro	45.891	-2,9%	371.376	-1,4%
São Paulo	245.014	-3,8%	838.899	-3,7%
SUL	209.520	-0,9%	480.949	0,8%
Paraná	71.194	-2,3%	178.593	0,8%
Santa Catarina	80.293	0,7%	130.221	3,6%
Rio Grande do Sul	58.033	-1,3%	172.135	-1,3%
CENTRO-OESTE	46.549	-4,0%	250.338	-11,7%
Mato Grosso do Sul	7.264	-5,3%	33.196	-21,9%
Mato Grosso	13.168	-6,0%	47.508	-10,0%
Goiás	21.721	-1,1%	93.791	-5,8%
Distrito Federal	4.396	-8,9%	75.843	-14,4%
BRASIL	837.271	-2,3%	3.318.694	-4,7%

Fonte: FGV.

Nota: * Empregados com carteira. Variações dezembro contra dezembro.

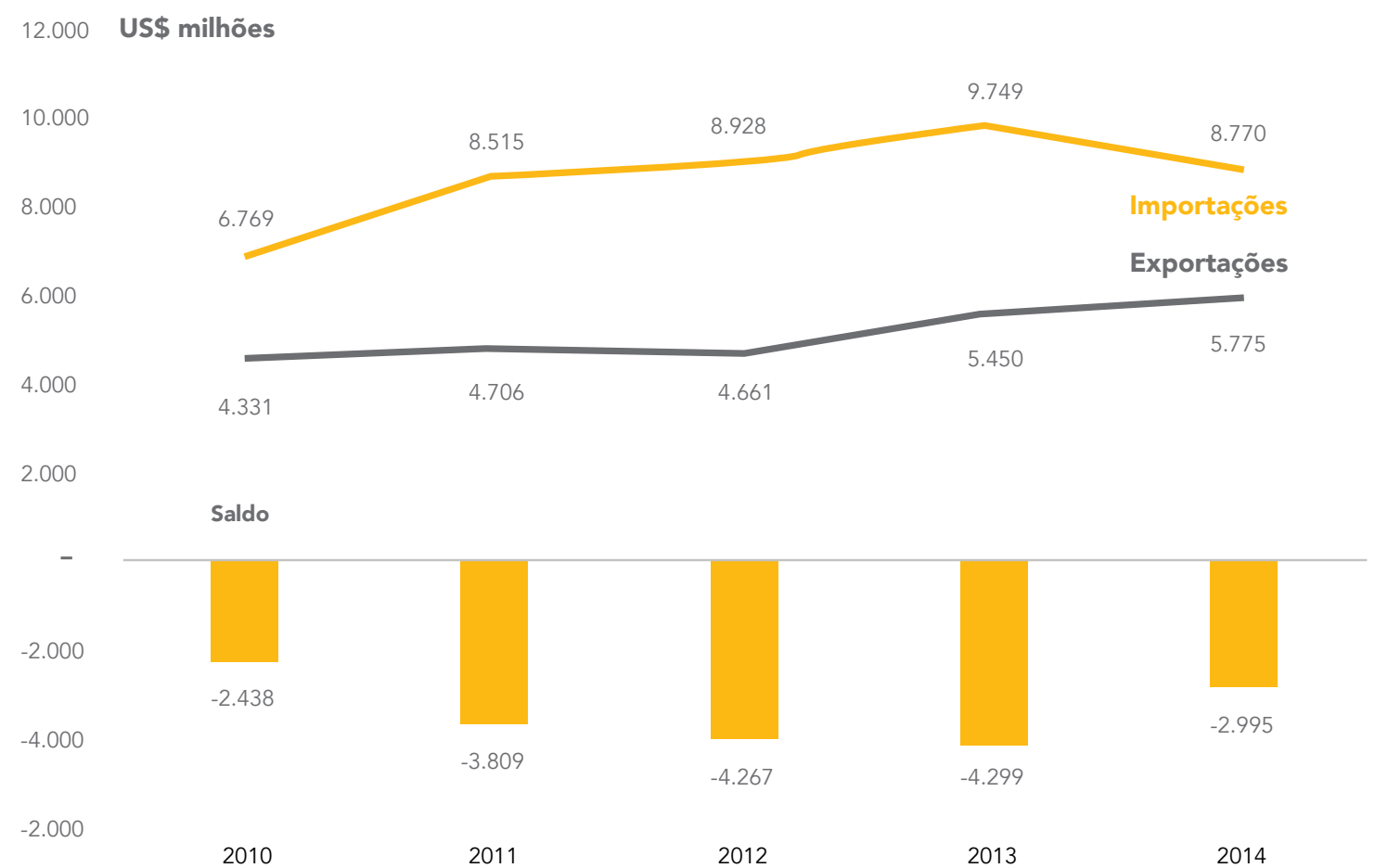
3.4 COMÉRCIO EXTERIOR

As séries de comércio exterior dos segmentos representados pela **ABRAMAT** sofreram ampla modificação nesta edição do Perfil da Cadeia Produtiva. O objetivo principal foi manter a consistência com as bases de dados do IBGE que também foram atualizadas a partir da inclusão dos resultados da Pesquisa Industrial Anual (PIA) de 2013. Como consequência, foram incluídos novos segmentos/produtos da indústria de materiais, ampliando a dimensão absoluta tanto de importações como de exportações. Por conta disso, os números apresentados a seguir não podem ser comparados com aqueles contidos nas edições anteriores do Perfil da Cadeia Produtiva.

Feita essa ressalva, a trajetória do déficit comercial setorial se mostra muito semelhante àquela estimada pela metodologia anterior, mais restrita.

Gráfico 3.4.1

Evolução das Exportações, Importações e Saldo Comercial



Fonte: FGV

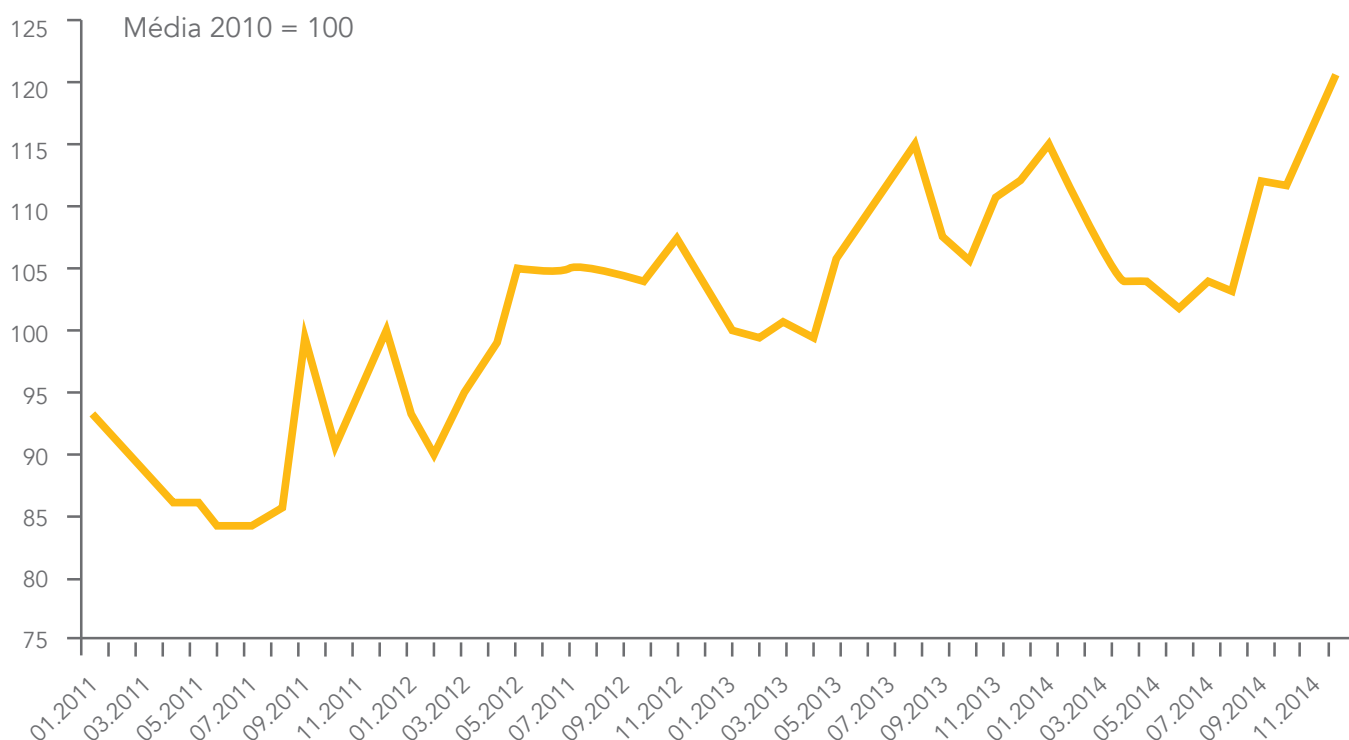
Depois do forte crescimento registrado entre 2010 e 2011, o déficit da balança comercial de materiais de construção desacelerou em 2012 e permaneceu praticamente estável no ano seguinte. Em 2014, esse desequilíbrio recuou 30,3%, o equivalente a mais de US\$ 1,3 bilhões.

Essa trajetória mais favorável nos anos recentes deveu-se tanto ao crescimento das exportações (entre 2012 e 2014) quanto à queda nas importações (2014). Em termos absolutos, o déficit setorial em 2014 foi de US\$ 3 bilhões. O valor das exportações atingiu a marca de US\$ 5,8 bilhões e as importações foram de US\$ 8,8 bilhões.

Em termos percentuais, destacaram-se em 2014 as quedas registradas em produtos de vidro (35,2%), aços longos (33,5%) e produtos cerâmicos (24,7%). Já em termos absolutos, o maior recuo nas importações foi registrado em material elétrico (US\$ 262 milhões). Pelo lado das exportações, o destaque em termos relativos ficou por conta das exportações de produtos de vidro (crescimento de 61,6% sobre 2013). Já o segmento de aços longos elevou suas exportações de forma importante tanto em termos relativos (35,7%) quanto absoluto (US\$ 217,2 milhões). Esta foi a maior contribuição para o crescimento das exportações setoriais em 2014.

Gráfico 3.4.2

Evolução da taxa de câmbio real setorial



Fonte: FGV

A melhoria das variáveis de comércio exterior setoriais foi influenciada pelo comportamento da taxa de câmbio que encareceu os importados em termos relativos. Considerando a média de 2010, a taxa de câmbio real do setor acumulou alta de 20% até o final de 2014, o equivalente a uma desvalorização real de 4,8% ao ano em média. Como a taxa de câmbio real do setor é calculada considerando a variação da taxa nominal deflacionada pelo INCC-DI Materiais, conclui-se que essa alta encareceu os produtos importados frente aos nacionais na média do setor. Ao mesmo tempo, as empresas brasileiras não repassaram integralmente a alta cambial para seus preços. Caso isso tivesse ocorrido, a taxa real teria permanecido relativamente constante devido ao aumento do INCC Materiais.

4.

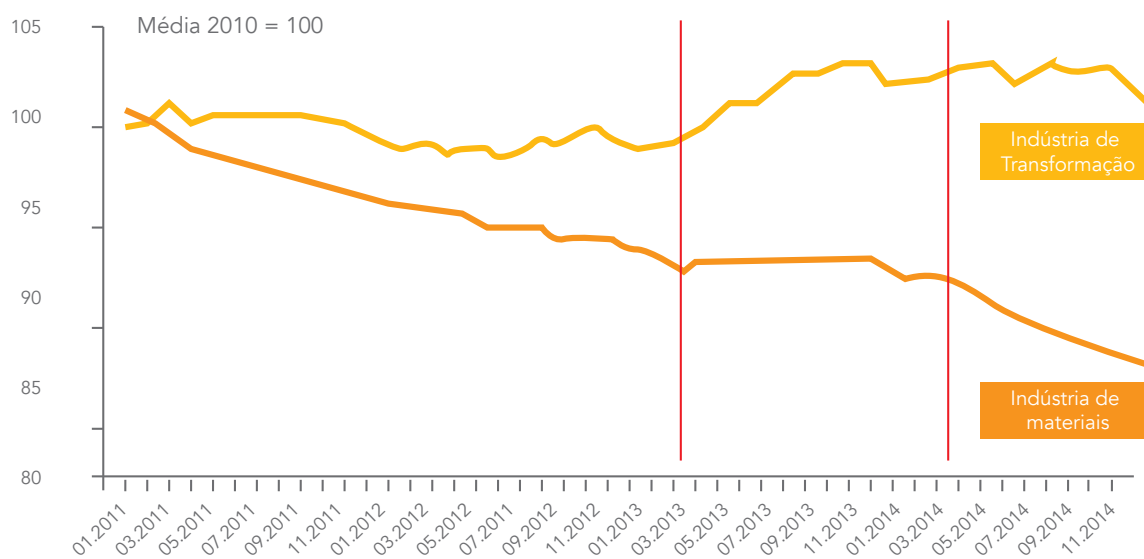
Produtividade na Indústria de Materiais

Qualquer que seja o cenário macroeconômico, a questão da produtividade é um tema central para o desenvolvimento da indústria. Nos anos recentes, a despeito da forte expansão da demanda por materiais de construção, os segmentos representados pela **ABRAMAT** se ressentiram de um conjunto de elementos que tornaram a busca pela competitividade um desafio ainda maior. Destacaram-se a valorização cambial, as carências de infraestrutura e a carga tributária, estas últimas sintetizadas na expressão “custo Brasil”.

Nos anos recentes, a taxa de câmbio tem atravessado um progressivo processo de ajuste. Entre 2010 e 2014 (fim de período), a taxa nominal real/dólar acumulou alta de 59,5%. Descontada a inflação setorial medida pelo INCC-DI, de pouco mais de 33% no mesmo período, a desvalorização real chegou a 20%. Em outros termos, os produtos importados cotados em dólares ficaram 1/5 mais caros em relação à média da produção nacional de materiais de construção. O reflexo dessa melhora da competitividade-câmbio foi a redução do déficit comercial do setor (ver capítulo 4).

Gráfico 4.1

Produtividade física do trabalho na indústria brasileira de transformação e de materiais de construção 2011-2014



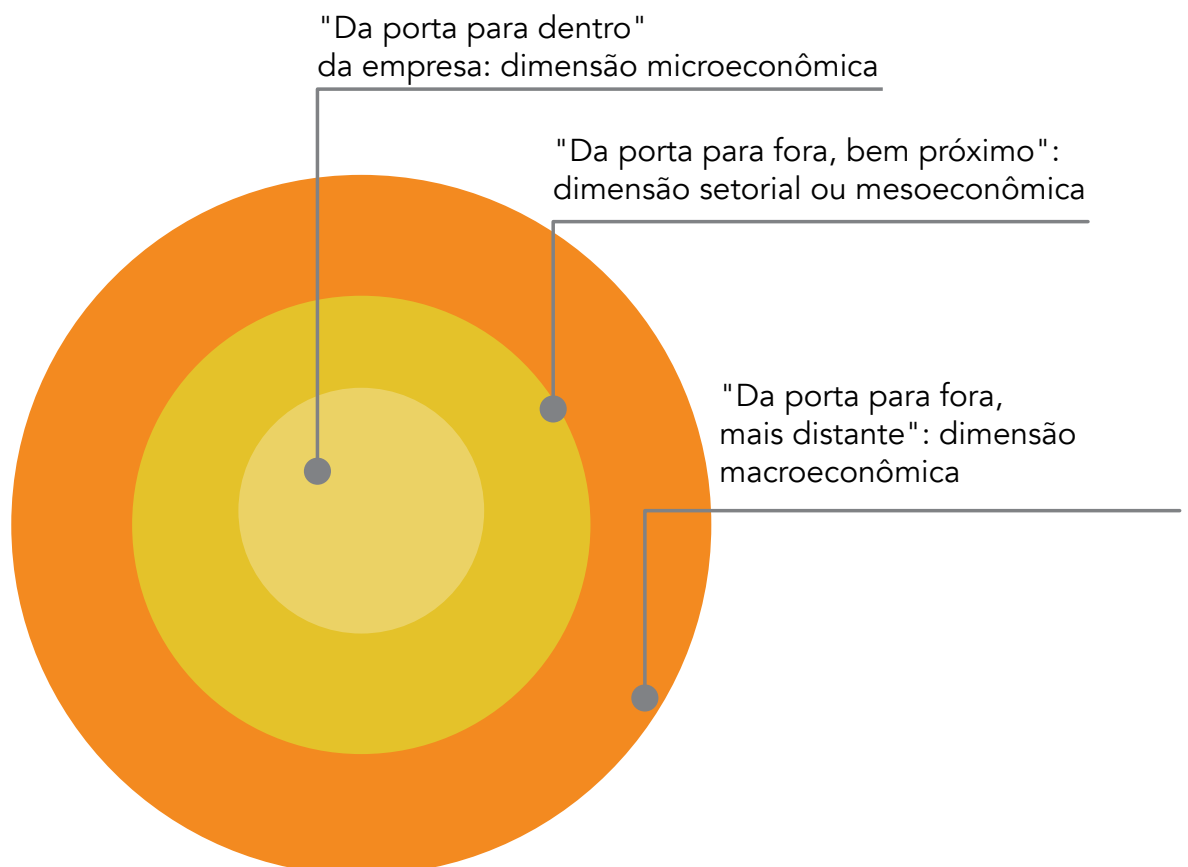
Fonte: FGV

Mas a produtividade dos segmentos representados pela **ABRAMAT** se reduziu de forma quase contínua no período. Considerando a relação entre produção física e emprego, a queda acumulada desde 2010 até 2014 foi de quase 14%, o equivalente a 3,7% ao ano. Ainda assim, é possível notar três períodos distintos (gráfico 4.1). Entre 2011 e 2013, o indicador caiu de forma contínua e a baixa acumulada chegou a 8%. Mas, durante um breve período ao longo de 2013, a produtividade permaneceu praticamente constante, voltando a cair a partir do início de 2014.

Chama a atenção o contraste com a produtividade na indústria de transformação como um todo. Ao longo do período 2011-14, esse indicador teve alta acumulada de 1,5% ou 0,4% ao ano em média. Ainda assim, o período mais favorável também foi o ano de 2013. Naquele ano, o nível médio da produtividade cresceu 4% frente ao ano anterior, voltando a cair 0,9% na mesma base de comparação em 2014. Vale notar que os aumentos de produtividade física do trabalho na indústria de transformação como um todo têm se dado às custas da redução no nível de emprego. Já na indústria de materiais, o número de trabalhadores tem crescido de forma quase contínua. Assim, entre 2010 e 2014 (final de período), enquanto a indústria de transformação reduziu o número de postos de trabalho em quase 5%, na indústria de materiais esse indicador cresceu 15,7%.

Figura 4.1

Dimensões da competitividade na indústria



As razões para esse comportamento da produtividade, sobretudo no caso da indústria de materiais, revelam que este é um indicador síntese, resultado de elementos que impactam as empresas a partir de três níveis: o empresarial ou microeconômico, o setorial ou mesoeconômico e o macroeconômico. A dimensão empresarial ou microeconômica refere-se ao que acontece “da porta para dentro” de cada empresa: seus processos produtivos, seu padrão de gestão, o uso que faz da tecnologia etc. Já a dimensão setorial envolve as relações com clientes, fornecedores e competidores: gestão de marca, política de pós-venda, cadeia de suprimentos e distribuição, custos logísticos etc. Esses são aspectos presentes “da porta para fora” das empresas, mais bastante próximos a ela e parcialmente influenciáveis por suas decisões táticas e estratégicas. Por fim, a dimensão macroeconômica se refere a elementos fora do alcance das empresas: câmbio, juros, impostos, política de comércio exterior, dentre outros (figuras 4.1 e 4.2).

Figura 4.2

Elementos das dimensões da competitividade na indústria



Assim, é possível atribuir a perda de competitividade da indústria de materiais a desequilíbrios entre essas três dimensões. Do mesmo modo, a correção parcial desses desequilíbrios contribuiu para a estabilidade do indicador em 2013. Naquele ano, tanto os aspectos empresariais (“da porta para dentro”) quanto setoriais e macroeconômicos (“da porta para fora”) contribuíram para a melhoria da produtividade setorial. O crescimento da produção vinha ocorrendo desde o ano anterior, permitindo às empresas elevar seus níveis de eficiência graças às tradicionais economias de escala. Ao mesmo tempo, tanto o varejo de materiais quanto a atividade das construtoras permaneciam em alta. E, por sua vez, a taxa de câmbio já se encontrava em trajetória ascendente desde o segundo semestre de 2011,

tendo acumulado alta de 25% na comparação dezembro contra dezembro. Juntos, esses fatores associados às três esferas de análise da competitividade contribuíram para o aumento da eficiência das empresas, medida pela produtividade física do trabalho (relação produção/emprego).

Em 2014, a despeito de mais uma rodada de desvalorização cambial, a qual chegou a 13,4% na comparação de final de ano com 2013, outros elementos macroeconômicos e setoriais tiveram forte reversão. O caráter atípico do ano, resultado da sucessão de Copa do Mundo, eleições e incertezas quanto à condução da política econômica, geraram um clima de incerteza e instabilidade no nível de atividade dos mais variados setores. Em paralelo, o ciclo expansivo da construção civil entrou em fase de declínio, ao mesmo tempo em que o consumo das famílias, incluindo materiais de construção, desacelerava.

Em síntese, o esforço continuado das empresas da indústria brasileira de materiais de construção para manter seus níveis de eficiência “da porta para dentro” não tem sido suficiente para garantir a elevação contínua da produtividade. Estabilidade macro e dinamismo setorial precisam ser recuperados para que as três dimensões da competitividade industrial possam voltar a se alinhar, colocando a produtividade em uma trajetória ascendente.

⁷ Fonte: IBGE. Taxas referentes ao período 2002-2012.

1.

AÇOS LONGOS

2.

CIMENTO

3.

CONCRETO E FIBROCIMENTO

4.

MATERIAL ELÉTRICO

5.

METAIS SANITÁRIOS VÁLVULAS

6.

CONCRETO E FIBROCIMENTO

7.

PRODUTOS CERÂMICOS

8.

TINTAS E VERNIZES

9.

VIDRO E PRODUTOS DE VIDRO

10.

MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS
PARA CONSTRUÇÃO

Perfis da Indústria de Materiais e de Equipamentos

1.

AÇOS LONGOS

Segundo dados do **Instituto Aço Brasil**, a produção física de aços longos voltou a cair 5,0% em 2014, depois de crescimento de 4,2% registrada em 2013 e queda de 1,6% em 2012.

Estimativas da **FGV** apontam que o valor nominal das vendas da siderurgia de aços longos cresceu 0,7% em 2014 em relação ao ano anterior chegando a R\$ 11,7 bilhões, de forma que o crescimento do setor continuou sofrendo desaceleração em relação aos anos anteriores. Comparativamente, em 2013 a alta do indicador foi de 14,3% e em 2012 de 24,8%.

Em 2014 o valor adicionado (PIB do segmento) caiu 8,2% em termos reais em relação ao ano anterior. Com este resultado a estimativa é que o PIB setorial tenha passado de R\$ 3,5 bilhões em 2013 para R\$ 3,2 bilhões em 2014.

O superávit comercial cresceu atingindo a marca de US\$ 497 milhões em 2014. Na comparação com o ano anterior, o crescimento do superávit se deu em razão do aumento de 35,7% das exportações em conjunto com a redução 33,5% das importações.

O emprego se mantém concentrado na região Sudeste, que responde por 87% da ocupação formal, seguida pelo Sul com 5,8%. O número de trabalhadores sofreu uma redução de 2,5% - o equivalente à perda de pouco mais de 300 postos de trabalho - variação superior à verificada em 2013 quando o emprego sofreu re-

dução de 0,9%. Segundo dados revisados do Ministério do Trabalho, o nível de emprego em 2014 do setor foi de 12,2 mil empregados.

O valor adicionado por trabalhador em 2014 chegou a R\$ 263,8 bilhões, apresentando alta de 8,7% entre 2011 e 2014 em termos reais (já descontada a inflação setorial).

Aços longos

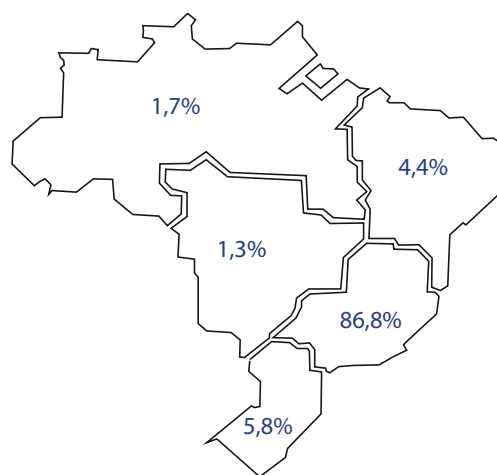
Atividades (CNAE): Vergalhões e outros aços longos utilizados na construção.

Produtos: Vergalhões e outros itens de aços longos para construção civil.

Distribuição regional da ocupação

Ano 2010	Empregados*	(%)
Norte	209	1,7%
Nordeste	555	4,4%
Sudeste	10.858	86,8%
Sul	727	5,8%
Centro-Oeste	162	1,3%

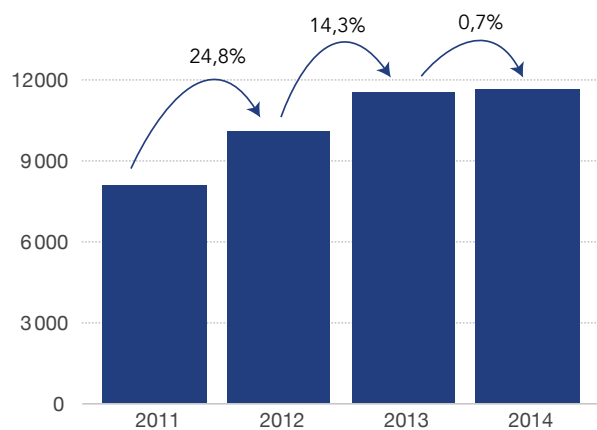
Fonte: FGV • Nota: (*) com carteira de trabalho



“Superávit comercial cresce e atinge US\$ 0,5 bilhão”

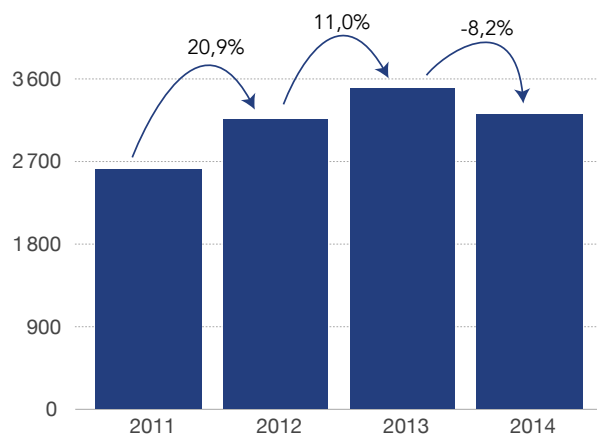
”

Vendas* em R\$ milhão



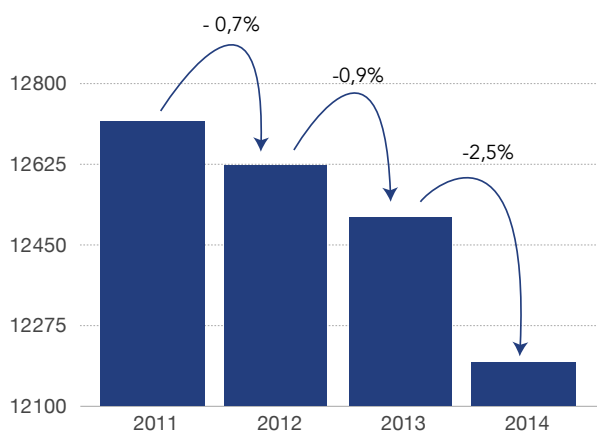
Fonte: FGV • Nota: (*) receita líquida a preços correntes.

Valor Adicionado em R\$ milhão*



Fonte: FGV • Nota: (*) a preços de 2014.

Empregados*



Fonte: FGV • Nota: (*) com carteira de trabalho

Operações em 2014

Operações em 2014	R\$Milhão
Faturamento líquido	11.652,2
Valor Bruto da Produção	11.749,0
Consumo Intermediário	8.532,0
Valor Adicionado	3.217,0
Remunerações	4.988,6
Salários	3.149,5
Contribuições sociais	907,9
Outros*	931,2
Excedente operacional bruto	6.663,6
Pessoal ocupado (pessoas)**	12.197

Produtividade

VA por trabalhador (em R\$)	263.754
Evolução da produtividade do trabalho (% ao ano)	8,7%

Fonte: FGV. Nota: (*) previdência privada, benefícios e indenizações. (**) em dezembro de 2014

Comércio Exterior em US\$ milhão

Exportações	Importações	Saldo	Câmbio
273,13	390,90	-117,77	1,67
414,80	488,58	-73,78	1,95
609,10	494,54	114,56	2,16
826,34	328,99	497,35	2,35

Comércio Exterior em R\$ milhão

Exportações	Importações	Saldo
457,27	654,44	-197,17
810,51	954,67	-144,16
1.313,84	1.066,73	247,11
1.944,32	774,09	1.170,23

Penetração	Consumo Aparente em R\$ milhão	Variação
8,1%	8.312	-
9,4%	10.268	23,5%
9,2%	11.324	10,3%
6,6%	10.482	-7,4%

2.

CIMENTO

Segundo dados do **SNIC – Sindicato Nacional da Indústria** de Cimento, a produção nacional teve alta de 15% em 2014, atingindo a marca de 71,2 milhões de toneladas. Apesar da desaceleração em relação ao ano anterior, quando a produção física teve expansão de 19,8%, a série histórica atingiu seu ponto mais alto em 2014.

As estimativas da FGV a partir dos dados revisados indicam que o valor das vendas do segmento atingiu a marca de R\$ 19,8 bilhões em 2014, tendo crescido 5,8% em termos nominais. Descontada a variação do INCC-DI Materiais, houve queda real de 0,2%. Já o valor adicionado (PIB do segmento) teve queda nominal de 2,5%, o equivalente a uma variação real de 8,1%.

A despeito desses números, o número de empregados na indústria brasileira de cimento cresceu, passando de 17,3 mil postos de trabalho em 2013 para 17,9 mil. Isso foi equivalente a um crescimento de 3,4%, revertendo parte da queda registrada no ano anterior. A maior parte do emprego segue concentrada no Sudeste (40,2%), seguido pelo Nordeste (29,3%).

O valor adicionado por trabalhador na indústria do cimento em 2014 foi de R\$ 49 mil. Essa medida de produtividade caiu 3,4% ao ano em média desde 2011, já descontada a inflação setorial.

A indústria do cimento é tradicionalmente pouco afetada pelos fluxos de comércio internacionais. Em 2014, as exportações foram de US\$ 14,5 milhões, o equivalente a apenas 0,2% do valor total das vendas. Já as importações somaram US\$ 190 milhões ou 2,3% do valor das vendas da indústria nacional. Com isso, o saldo de comércio exterior desse segmento foi negativo em US\$ 175,5 milhões, tendo aumentado 5% em relação a 2013.

Cimento

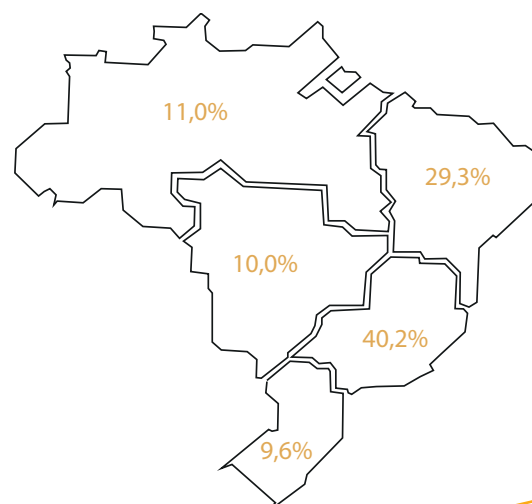
Atividades (CNAE): Cimento Portland

Produtos: Cimento Portland

Distribuição regional da ocupação

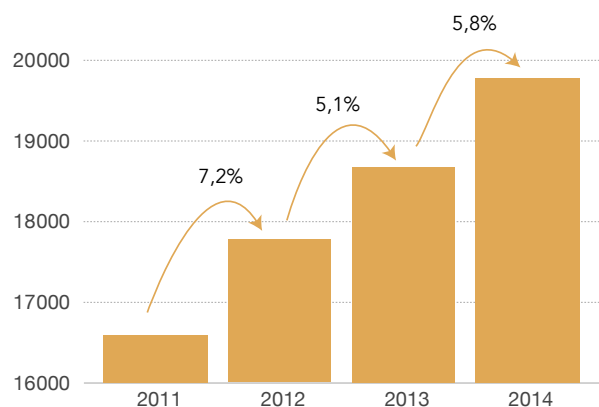
Ano 2010	Empregados*	(%)
Norte	50	0,6%
Nordeste	133	1,7%
Sudeste	5.231	65,3%
Sul	2.497	31,2%
Centro-Oeste	101	1,3%

Fonte: FGV • Nota: (*) com carteira de trabalho



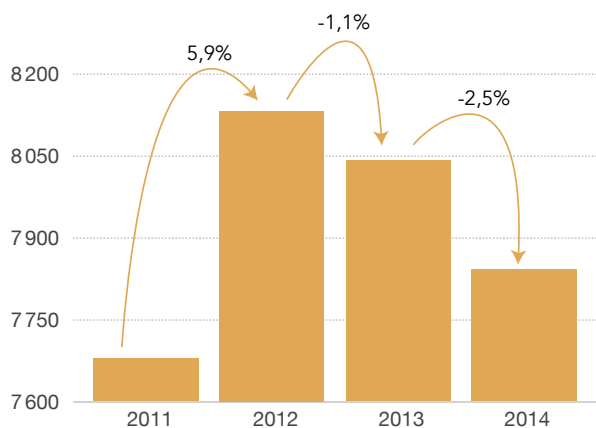
“Número de empregados aumenta 3,4% em 2014”

Vendas* em R\$ milhão



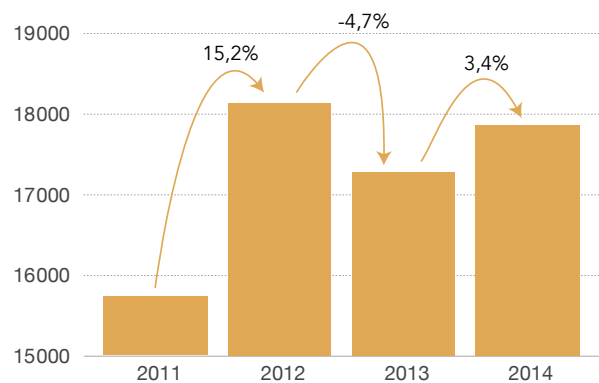
Fonte: FGV • Nota: (*) receita líquida a preços correntes.

Valor Adicionado em R\$ milhão*



Fonte: FGV • Nota: (*) a preços de 2014.

Empregados*



Fonte: FGV • Nota: (*) com carteira de trabalho

Operações em 2014

Operações em 2014	R\$ Milhão
Faturamento líquido	19.784,3
Valor Bruto da Produção	20.206,0
Consumo Intermediário	12.362,4
Valor Adicionado	7.843,6
Remunerações	6.616,3
Salários	4.028,2
Contribuições sociais	1.170,8
Outros*	1.417,3
Excedente operacional bruto	13.168,0
Pessoal ocupado (pessoas)**	17.867

Produtividade

VA por trabalhador (em R\$)	439.002
Evolução da produtividade do trabalho (% ao ano)	-3,4%

Fonte: FGV. Nota: (*) previdência privada, benefícios e indenizações. (**) em dezembro de 2014

Comércio Exterior em US\$ milhão

Exportações	Importações	Saldo	Câmbio
11,54	190,29	-178,76	1,67
9,22	202,28	-193,06	1,95
11,72	178,81	-167,10	2,16
14,47	190,00	-175,53	2,35

Comércio Exterior em R\$ milhão

Exportações	Importações	Saldo
19,32	318,59	-299,27
18,02	395,26	-377,24
25,27	385,70	-360,43
34,04	447,06	-413,02

Penetração	Consumo Aparente em R\$ milhão	Variação
1,9%	16.890	-
2,2%	18.158	7,5%
2,1%	19.051	4,9%
2,3%	20.197	6,0%

3.

CONCRETO E FIBROCIMENTO

O valor das vendas do segmento brasileiro de concreto e fibrocimento atingiu a marca de R\$ 21,9 bilhões segundo estimativas revisadas da **FGV**. Na comparação com 2013, houve crescimento nominal de 2,2%. Descontada a variação do INCC-DI Materiais, o crescimento real das vendas foi negativo: -3,6%.

O valor adicionado (PIB do segmento) também teve variação real negativa frente a 2013: 4,6%. Foi o segundo ano consecutivo de queda nesse indicador. Considerando o biênio 2013-14, a queda acumulada no valor adicionado chegou a 11,8%.

Em linha com esses indicadores, o nível de emprego também teve retração, passando de 133,2 mil postos de trabalho em 2013 para 128,7 mil postos em 2014. Em termos relativos, essa queda foi equivalente a 3,4%. A distribuição regional do emprego, como esperado, concentra-se no Sudeste (42,2%), seguido do Sul (26,3%) e do Nordeste (17,7%).

O déficit comercial do segmento recuou em 2014, atingindo a marca de US\$ 73,9 milhões contra US\$ 89,2 milhões no ano anterior. Tanto importações quanto exportações recuaram no ano passado: 16,1% e 10,3%, respectivamente. Ainda assim, em relação ao valor do faturamento, os fluxos de comércio exterior são pouco expressivos. As exportações foram da ordem de 0,1% das vendas e as importações, de 0,9%.

Em 2014, o valor adicionado por trabalhador na indústria de concreto e fibrocimento atingiu a marca de R\$ 60,8 mil. Desde 2011, esse indicador de produtividade registrou crescimento médio anual de 1,4%.

“ Desde 2011, produtividade cresce em média 1,4% ao ano ”

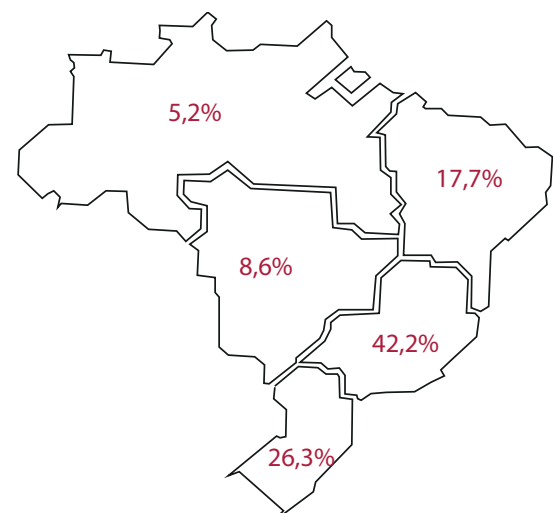
Concreto e Fibrocimento

Atividades (CNAE): Argamassas, blocos, canos, tubos, chapas, telhas, tijolos e artigos de gesso. Produtos: Argamassas de cimento, blocos de concreto, artefatos diversos de concreto e fibrocimento (tubos, chapas, telhas, etc); gesso para construção civil em suas diversas formas (em pó, em placas, e chapas de gesso acartonado).

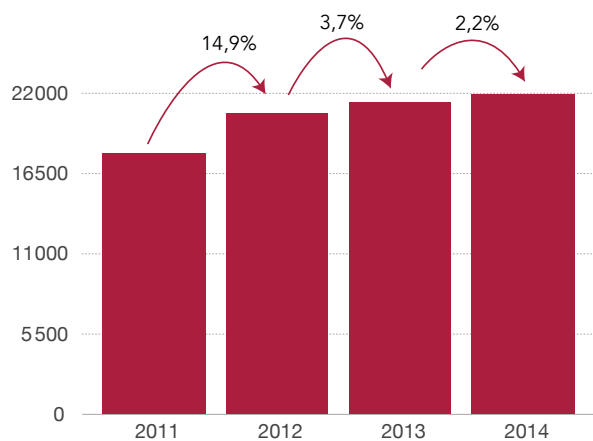
Distribuição regional da ocupação

Ano 2010	Empregados*	(%)
Norte	6.868	5,2%
Nordeste	23.637	17,7%
Sudeste	56.207	42,2%
Sul	35.047	26,3%
Centro-Oeste	11.413	8,6%

Fonte: FGV • Nota: (*) com carteira de trabalho

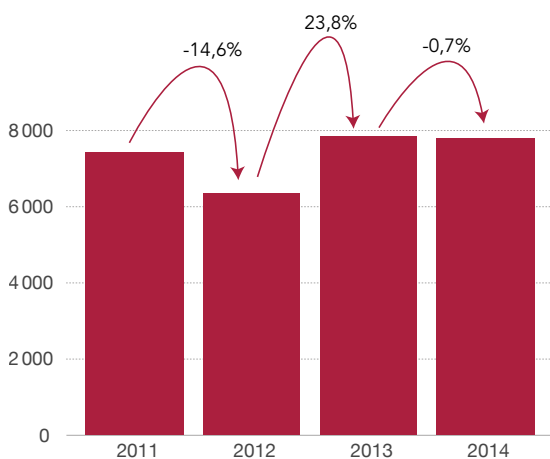


Vendas* em R\$ milhão



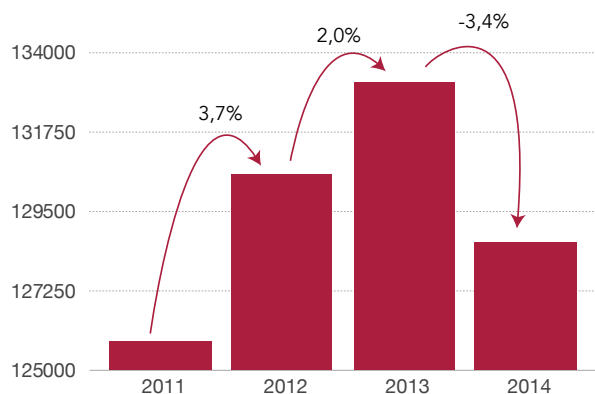
Fonte: FGV • Nota: (*) receita líquida a preços correntes.

Valor Adicionado em R\$ milhão*



Fonte: FGV • Nota: (*) a preços de 2014.

Empregados*



Fonte: FGV • Nota: (*) com carteira de trabalho

Operações em 2014

R\$ Milhão

Faturamento líquido	21.927,9
Valor Bruto da Produção	22.198,6
Consumo Intermediário	14.373,2
Valor Adicionado	7.825,4
Remunerações	12.154,6
Salários	8.553,3
Contribuições sociais	1.982,1
Outros*	1.619,2
Excedente operacional bruto	9.773,3
Pessoal ocupado (pessoas)**	128.660

Produtividade

VA por trabalhador (em R\$)	60.822
Evolução da produtividade do trabalho (% ao ano)	1,4%

Fonte: FGV. Nota: (*) previdência privada, benefícios e indenizações. (**) em dezembro de 2014

Comércio Exterior em US\$ milhão

Exportações	Importações	Saldo	Câmbio
16,24	72,11	-55,87	1,67
14,81	88,61	-73,79	1,95
14,55	103,73	-89,18	2,16
13,05	86,99	-73,94	2,35

Comércio Exterior em R\$ milhão

Exportações	Importações	Saldo
27,19	120,72	-93,53
28,95	173,14	-144,19
31,38	223,75	-192,37
30,70	204,68	-173,98

Penetração	Consumo Aparente em R\$ milhão	Variação
0,7%	18.082	-
0,8%	20.819	15,1%
1,0%	21.640	3,9%
0,9%	22.102	2,1%

4.

MATERIAL ELÉTRICO

Segundo as estimativas da **FGV** com base nos dados revisados do IBGE, o faturamento nominal do segmento de material elétrico em 2014 foi de R\$ 13,2 bilhões. Em termos nominais, houve queda de 11,3% na comparação com o ano anterior. Desconta a influência dos preços, a queda no valor real das vendas foi de 16,3%. Em linha com esse resultado, o valor adicionado (PIB do segmento) teve contração de 16,5% em termos reais.

O desempenho do emprego também foi negativo, registrando queda de 3,5% na comparação com 2013. Foi o segundo ano consecutivo de redução do número de empregados no segmento. Com isso, ao final de 2014, o pessoal ocupado na indústria de material elétrico chegou ao patamar de 50,7 mil pessoas.

Esse nível foi inferior ao registrado em 2011. Tanto importações quanto exportações caíram em 2014. Em dólares correntes, os valores foram de US\$ 764,7 milhões e US\$ 2,5 bilhões. O volume de importações de material elétrico é o maior da indústria brasileira de materiais. Como consequência, o déficit de comércio exterior do segmento foi de US\$ 1,7 bilhão. Na comparação com 2013, esse indicador teve recuo de pouco menos de 11%.

O valor adicionado por trabalhador (produtividade) chegou ao nível de R\$ 72,4 mil por ano. Descontada a inflação setorial, esse indicador teve queda de 5,6% em média desde 2011.

“ **Menor número de empregados desde 2011** ”

Material Elétrico

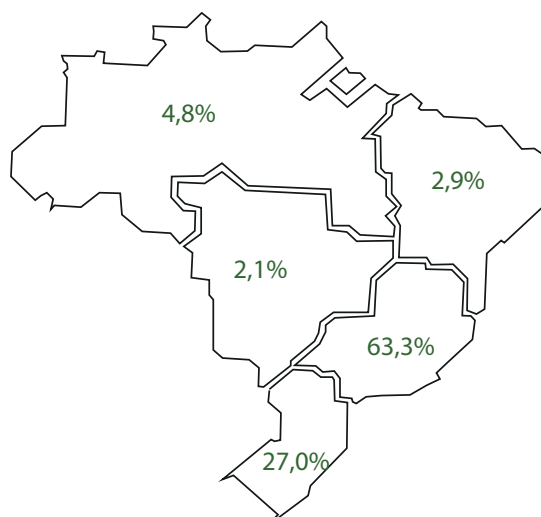
Atividades (CNAE): Fios e cabos, condutores elétricos, tanto para tensão inferior quanto superior a 1.000 V; Interruptores, estabilizadores, disjuntores, fusíveis, tomadas e suportes para lâmpadas

Produtos: Fios e cabos, condutores elétricos, para baixa e alta tensão, de cobre e alumínio; Interruptores, tomadas, disjuntores, chaves seccionadoras, fusíveis e suportes para lâmpadas.

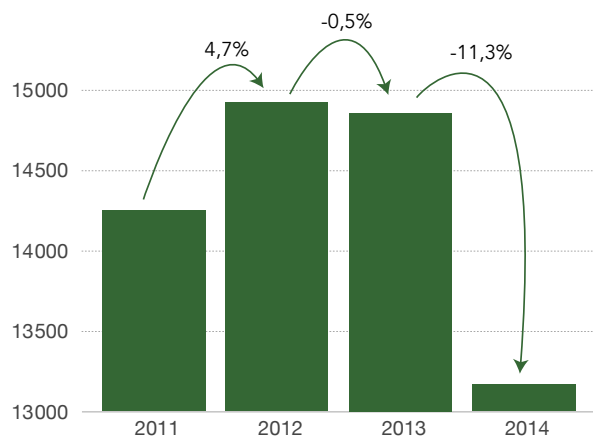
Distribuição regional da ocupação

Ano 2010	Empregados*	(%)
Norte	2.534	4,8%
Nordeste	1.500	2,9%
Sudeste	33.255	63,3%
Sul	14.159	27,0%
Centro-Oeste	1.083	2,1%

Fonte: FGV • Nota: (*) com carteira de trabalho

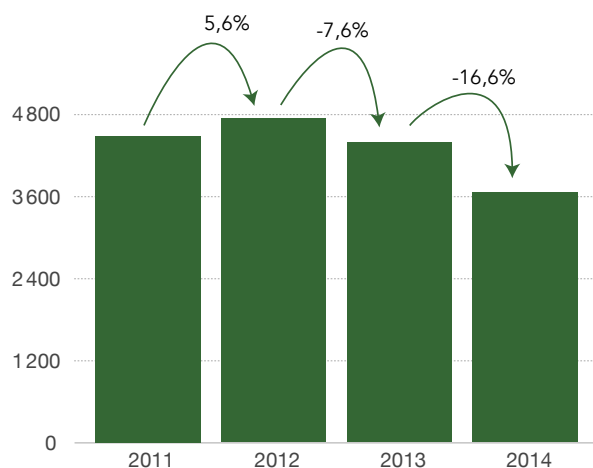


Vendas* em R\$ milhão



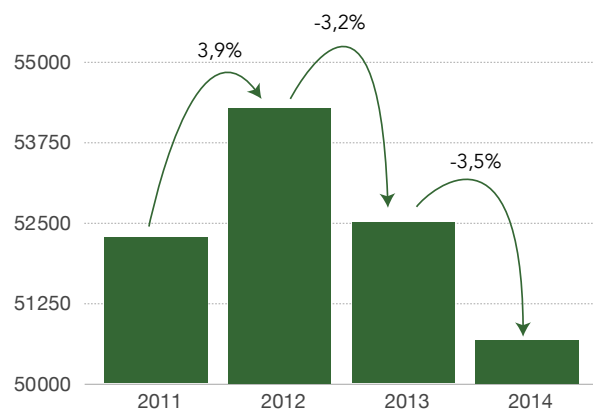
Fonte: FGV • Nota: (*) receita líquida a preços correntes.

Valor Adicionado em R\$ milhão*



Fonte: FGV • Nota: (*) a preços de 2014.

Empregados*



Fonte: FGV • Nota: (*) com carteira de trabalho

Operações em 2014

R\$ Milhão

Faturamento líquido	13.175,9
Valor Bruto da Produção	13.453,5
Consumo Intermediário	9.784,5
Valor Adicionado	3.668,9
Remunerações	8.960,8
Salários	6.173,4
Contribuição sociais	1.554,3
Outros*	1.233,1
Excedente operacional bruto	4.215,1
Pessoal ocupado (pessoas)**	50.687

Produtividade

VA por trabalhador (emR\$)	72.384
Evolução da produtividade do trabalho (% ao ano)	-5,6%

Fonte: FGV. Nota: (*) previdência privada, benefícios e indenizações. (**) em dezembro de 2014

Comércio Exterior em US\$ milhão

Exportações	Importações	Saldo	Câmbio
789,66	2.445,15	-1.655,49	1,67
740,00	2.452,66	-1.712,67	1,95
819,37	2.723,90	-1.904,53	2,16
764,68	2.461,74	-1.697,06	2,35

Comércio Exterior em R\$ milhão

Exportações	Importações	Saldo
1.322,04	4.093,63	-2.771,59
1.445,94	4.792,48	-3.346,53
1.767,41	5.875,55	-4.108,13
1.799,26	5.792,35	-3.993,08

Penetração	Consumo Aparente em R\$ milhão	Variação
24,0%	17.028	-
26,2%	18.275	7,3%
31,0%	18.966	3,8%
33,7%	17.169	-9,5%

5.

MATERIAL PLÁSTICO

Segundo dados da **ABIPLAST – Associação Brasileira da Indústria do Plástico**, 16% da produção brasileira desse segmento se destina à construção civil, participação idêntica à da indústria de alimentos e bebidas. Em 2014, a produção de produtos de plástico para a construção civil caiu 1,3% segundo a mesma fonte.

Estimativas da FGV a partir de dados revisados pelo IBGE indicam que o valor das vendas do segmento teve recuo nominal de 0,2% em 2014, atingindo a marca de R\$ 11,8 bilhões. Descontada a variação dos preços, a queda real foi de 5,8%.

A queda no PIB setorial (valor adicionado) foi ainda mais expressiva: 11% em termos reais entre 2013 e 2014. No ano anterior, a queda também havia sido de dois dígitos. Em parte, esse mau desempenho da indústria local se deve ao aumento da parcela de importados no mercado total (consumo aparente). No mesmo período, essa participação subiu de 15,7% para 17,3%.

O avanço da parcela de importados no mercado brasileiro de material plástico decorreu do aumento das importações, cujo valor em dólares avançou 2,9% em 2014. Em paralelo, as exportações recuaram 8,6%. Com isso, o déficit de comércio externo do segmento chegou a US\$ 734,4 milhões, tendo crescido 7,7% frente a 2013 em dólares correntes.

Em linha com esse desempenho, o nível de emprego caiu 1,1% na indústria de material plástico, chegando a 69,1 mil postos de trabalho ao final de 2014. Essa queda reverteu por completo o crescimento observado em 2013, fazendo com que o nível de emprego ficasse abaixo do registrado em 2012.

“**Importações crescem e aumentam participação de produtos estrangeiros**”

A produtividade do segmento (valor adicionado por trabalhador) foi de R\$ 51,1 mil por ano. Descontada a inflação setorial, esse indicador caiu 9% ao ano em média desde 2011.

Material Plástico

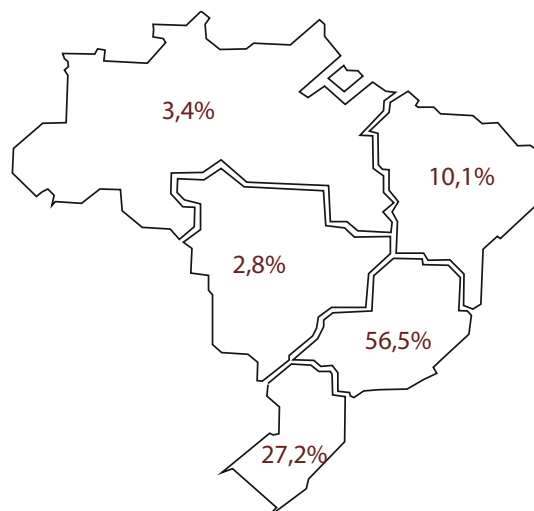
Atividades (CNAE): Assentos e tampas de sanitários, pias, banheiras, caixas de descarga, tubos, conexões, portas, janelas, piscinas, persianas, revestimentos de plásticos para pavimentos, paredes, reservatórios e cisternas.

Produtos: Acessórios sanitários (assentos, caixas de descarga e outros), tubos e conexões, calhas, pias, banheiras, esquadrias e acessórios (portas, janelas, persianas, etc), piscinas, reservatórios e cisternas, revestimentos de paredes e pisos e telhas plásticas.

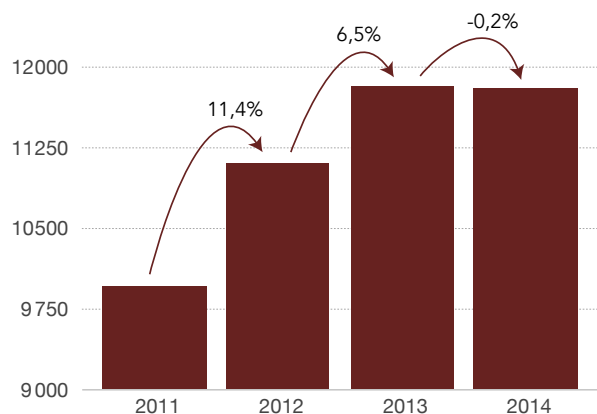
Distribuição regional da ocupação

Ano 2010	Empregados*	(%)
Norte	2.341	3,4%
Nordeste	7.073	10,1%
Sudeste	39.460	56,5%
Sul	19.024	27,2%
Centro-Oeste	1.970	2,8%

Fonte: FGV • Nota: (*) com carteira de trabalho



Vendas* em R\$ milhão



Fonte: FGV • Nota: (*) receita líquida a preços correntes.

Operações em 2014

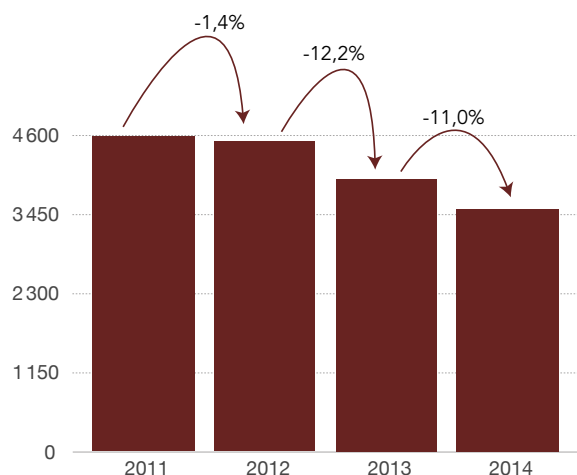
	R\$ Milhão
Faturamento líquido	11.806,1
Valor Bruto da Produção	11.894,7
Consumo Intermediário	8.364,4
Valor Adicionado	3.530,3
Remunerações	7.449,2
Salários	5.284,5
Contribuições sociais	1.144,7
Outros*	1.020,0
Excedente operacional bruto	4.356,9
Pessoal ocupado (pessoas)**	69.111

Produtividade

VA por trabalhador (em R\$)	51.082
Evolução da produtividade do trabalho (% ao ano)	-9,1%

Fonte: FGV. Nota: (*) previdência privada, benefícios e indenizações. (**) em dezembro de 2014

Valor Adicionado em R\$ milhão*



Fonte: FGV • Nota: (*) a preços de 2014.

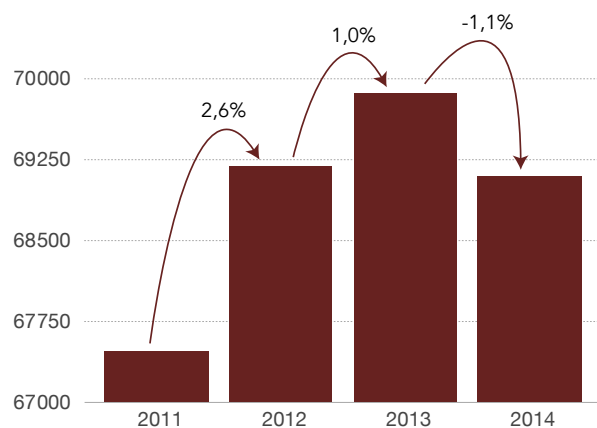
Comércio Exterior em US\$ milhão

Exportações	Importações	Saldo	Câmbio
306,38	879,12	-572,74	1,67
256,04	962,24	-706,20	1,95
288,31	969,96	-681,65	2,16
263,38	997,76	-734,38	2,35

Comércio Exterior em R\$ milhão

Exportações	Importações	Saldo
512,93	1.471,81	-958,88
500,29	1.880,21	-1.379,91
621,90	2.092,24	-1.470,34
619,72	2.347,68	-1.727,96

Empregados*



Fonte: FGV • Nota: (*) com carteira de trabalho

Penetração	Consumo Aparente em R\$ milhão	Variação
13,5%	10.927	-
15,1%	12.485	14,3%
15,7%	13.298	6,5%
17,3%	13.534	1,8%

6.

METAIS SANITÁRIOS E VÁLVULAS

Em 2014, o valor das vendas de metais sanitários e válvulas atingiu a marca de R\$ 2,3 bilhões. Na comparação com 2013, houve queda de 4,7% revertendo a alta desse indicador registrada no ano anterior. Considerando a inflação medida pelo INCC-DI Materiais, a queda real no valor das vendas foi ainda maior: 10,1%.

Por sua vez, a geração de valor (PIB do segmento) teve queda real de 9,2%. Foi o segundo ano consecutivo de queda nessa variável segundo as estimativas da **FGV** feitas a partir de dados revisados do IBGE.

Em linha com esse desempenho, o nível de emprego na indústria de metais sanitários e válvulas recuou 3,3% em 2014, atingindo a marca de 7,7 mil pessoas empregadas. Esse nível é menor, inclusive, do que o registrado em 2012. Esse contingente está fortemente concentrado na região Sudeste, que responde por mais de 65,3% do emprego total do segmento. Seguem-se as regiões Sul (31,2%) e Nordeste (apenas 1,7%).

Apesar da alta do câmbio, as exportações setoriais tiveram queda de 13,1% no ano, enquanto as importações caíram somente 0,7%. Com isso, o déficit comercial do segmento cresceu pouco mais de 20%, chegando a US\$ 547,4 milhões, maior nível desde 2011.

“Queda de 9,2% do PIB em 2014”

Em 2014, o valor adicional por trabalhador na indústria de metais sanitários e válvulas foi de R\$ 103,2 mil. Desde 2011, esse indicador de produtividade caiu 5,1% ao ano em termos reais.

Metais Sanitários e Válvulas

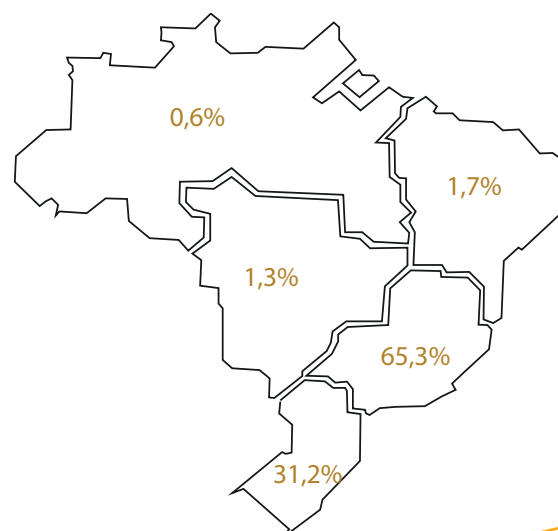
Atividades (CNAE): Válvulas, torneiras, registros, bombas e compressores.

Produtos: Metais sanitários (válvulas, torneiras, registros, etc), válvulas hidráulicas de diversos tipos utilizadas em edificações; bombas e compressores aplicados em obras de construção civil.

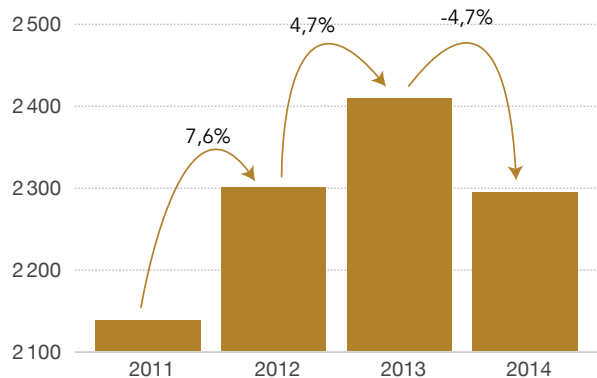
Distribuição regional da ocupação

Ano 2010	Empregados*	(%)
Norte	50	0,6%
Nordeste	133	1,7%
Sudeste	5.231	65,3%
Sul	2.497	31,2%
Centro-Oeste	101	1,3%

Fonte: FGV • Nota: (*) com carteira de trabalho

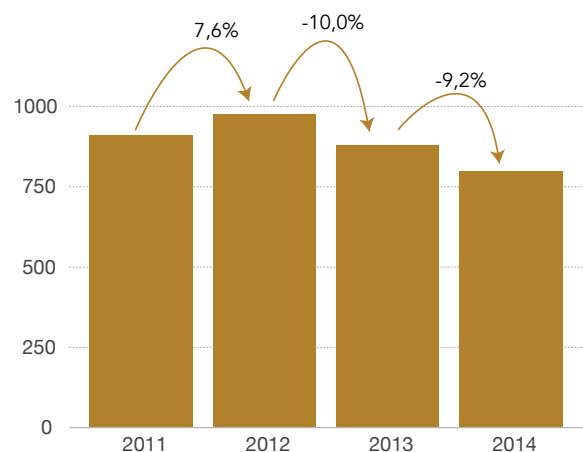


Vendas* em R\$ milhão



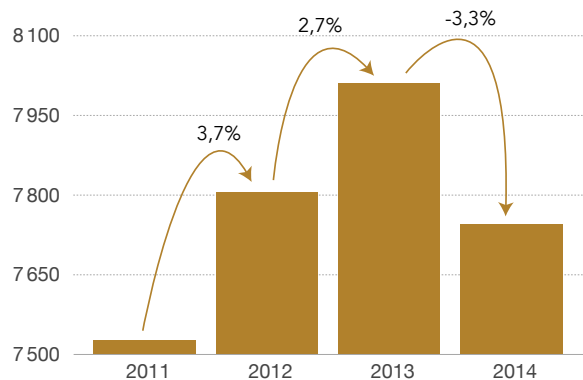
Fonte: FGV • Nota: (*) receita líquida a preços correntes.

Valor Adicionado em R\$ milhão*



Fonte: FGV • Nota: (*) a preços de 2014.

Empregados*



Fonte: FGV • Nota: (*) com carteira de trabalho

Operações em 2014

R\$ Milhão

Faturamento líquido	2.296,1
Valor Bruto da Produção	2.333,6
Consumo Intermediário	1.533,8
Valor Adicionado	799,8
Remunerações	1.696,4
Salários	1.194,3
Contribuições sociais	294,9
Outros*	207,3
Excedente operacional bruto	599,6
Pessoal ocupado (pessoas)**	7.746

Produtividade

VA por trabalhador (em R\$)	103.255
Evolução da produtividade do trabalho (% ao ano)	-5,1%

Fonte: FGV. Nota: (*) previdência privada, benefícios e indenizações. (**) em dezembro de 2014

Comércio Exterior em US\$ milhão

Exportações	Importações	Saldo	Câmbio
544,68	993,84	-449,15	1,67
513,87	1.025,39	-511,52	1,95
765,07	1.220,30	-455,23	2,16
664,66	1.212,03	-547,37	2,35

Comércio Exterior em R\$ milhão

Exportações	Importações	Saldo
911,90	1.663,87	-751,97
1.004,10	2.003,60	-999,50
1.650,28	2.632,22	-981,95
1.563,90	2.851,84	-1.287,94

Penetração	Consumo Aparente em R\$ milhão	Varição
57,6%	2.891	
60,7%	3.301	14,2%
77,6%	3.392	2,8%
79,6%	3.584	5,7%

7.

PRODUTOS CERÂMICOS

Segundo dados da **ANFACER – Associação Nacional dos Fabricantes de Produtos Cerâmicos**, as vendas de revestimentos cerâmicos atingiu a marca 853,2 milhões de m² em 2014. Na comparação com o ano anterior, houve crescimento de 18,7% nesse indicador.

As estimativas da **FGV** com base nas séries de dados revisadas apontam para crescimento de 10% na receita nominal do segmento de produtos cerâmicos. Em 2014, esse indicador atingiu a marca de R\$ 15,8 bilhões. Descontada a variação do INCC-DI Materiais, a alta real das vendas foi de 3,7%.

Já o valor adicionado (PIB do segmento) ultrapassou a marca de R\$ 7 bilhões, com crescimento real de 3% frente a 2013. Desde 2011, esse indicador acumula alta de 17%, o equivalente a 5,3% ao ano em média.

O bom desempenho da indústria brasileira de produtos cerâmicos também se refletiu nas variáveis de comércio exterior. As exportações cresceram quase 2% em dólares frente a 2013, enquanto as importações recuaram 24,7%. Com isso, o déficit comercial do segmento teve queda expressiva, passando de US\$ 162,3 milhões em 2013 para apenas US\$ 14,7 milhões em 2014. No mesmo período, a participação das importações no mercado brasileiro total de produtos cerâmicos passou de 8,5% para 6,3%.

A despeito desses números positivos, o nível de emprego do segmento caiu 2,2% em 2014 frente ao ano anterior. O total de postos de trabalho passou de 170,1 mil para 166,3 mil. Manteve-se a forte concentração no Sudeste, que respon-

deu por 40,8% do estoque de empregados em 2014, seguido do Nordeste, como 27,3%.

Em 2014, o valor adicionado por trabalhador foi de R\$ 42,4 mil. Esse indicador de produtividade tem crescido de forma sustentada. Desde 2011, o crescimento médio anual, já descontada a inflação, é de 5,6%.

Produtos Cerâmicos

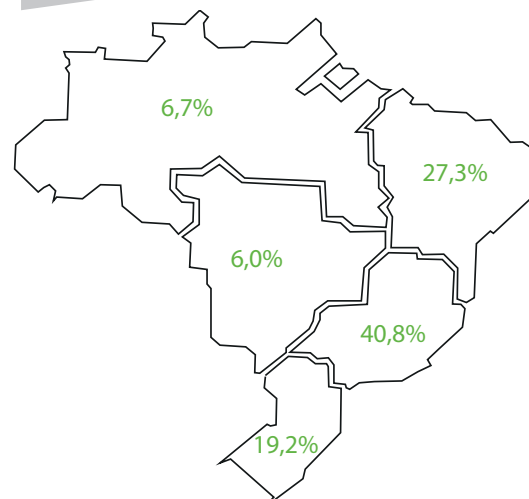
Atividades (CNAE): Produtos cerâmicos não-refratários, de uso não-estrutural, de uso na construção (azulejos e pisos, inclusive porcelanatos).

Produtos: Revestimentos cerâmicos de todos os tipos e dimensões (incluindo cerâmicas vermelhas, porcelanatos, pastilhas cerâmicas), tijolos e blocos cerâmicos.

Distribuição regional da ocupação

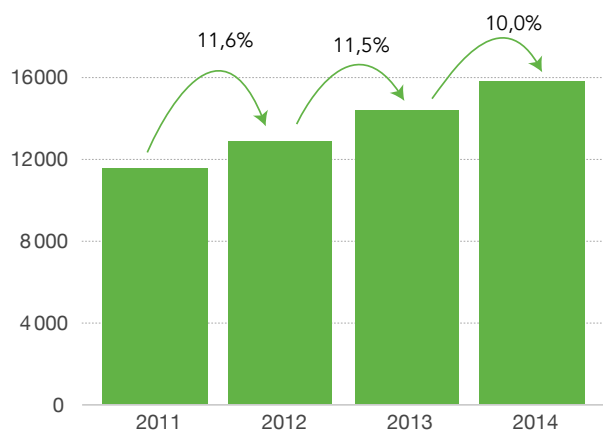
Ano 2010	Empregados*	(%)
Norte	11.358	6,7%
Nordeste	46.401	27,3%
Sudeste	69.414	40,8%
Sul	32.643	19,2%
Centro-Oeste	10.290	6,0%

Fonte: FGV • Nota: (*) com carteira de trabalho



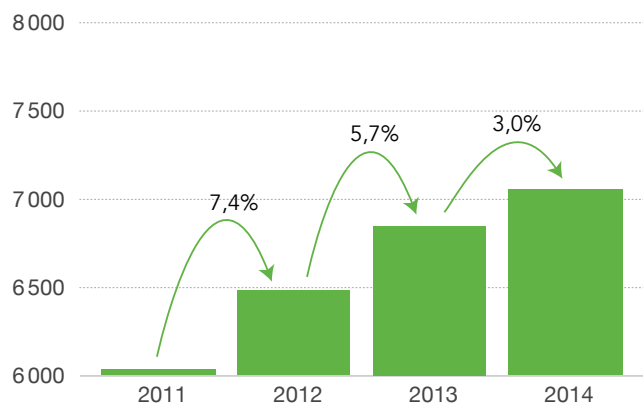
“Vendas crescem 10% em 2014”

Vendas* em R\$ milhão



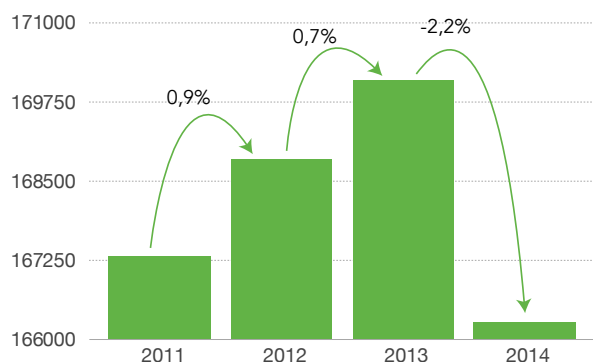
Fonte: FGV • Nota: (*) receita líquida a preços correntes.

Valor Adicionado em R\$ milhão*



Fonte: FGV • Nota: (*) a preços de 2014.

Empregados*



Fonte: FGV • Nota: (*) com carteira de trabalho

Operações em 2014

	R\$ Milhão
Faturamento líquido	15.833,8
Valor Bruto da Produção	16.016,0
Consumo Intermediário	8.958,0
Valor Adicionado	7.058,0
Remunerações	9.922,3
Salários	7.629,4
Contribuições sociais	1.433,0
Outros*	859,9
Excedente operacional bruto	5.911,5
Pessoal ocupado (pessoas)**	166.290

Produtividade

VA por trabalhador (em R\$)	42.444
Evolução da produtividade do trabalho (% ao ano)	5,6%

Fonte: FGV. Nota: (*) previdência privada, benefícios e indenizações. (**) em dezembro de 2014

Comércio Exterior em US\$ milhão

Exportações	Importações	Saldo	Câmbio
412,91	558,43	-145,52	1,67
396,73	549,64	-152,90	1,95
403,39	565,67	-162,28	2,16
411,20	425,93	-14,73	2,35

Comércio Exterior em R\$ milhão

Exportações	Importações	Saldo
691,28	934,91	-243,62
775,21	1.073,98	-298,77
870,13	1.220,16	-350,03
967,54	1.002,20	-34,66

Penetração	Consumo Aparente em R\$ milhão	Variação
8,1%	11.807	-
8,3%	13.205	11,8%
8,5%	14.746	11,7%
6,3%	15.868	7,6%

8.

TINTAS E VERNIZES

Segundo números da **ABRAFATI – Associação Brasileira dos Fabricantes de Tintas**, o volume de produção do segmento brasileiro de tintas e vernizes em 2014 atingiu a marca de 1,4 bilhão de litros. Esse nível foi 2,1% menor do que o registrado no ano anterior.

Estimativas da **FGV** considerando os números revisados referentes a tintas de uso imobiliário indicam que o faturamento do segmento em 2014 foi de R\$ 7,4 bilhões, tendo crescido 2,4% em termos nominais frente ao ano anterior. Desconsiderada a inflação medida pelo INCC-DI Materiais, o valor real das vendas recuou 3,4%.

Por sua vez, o valor adicionado (PIB do segmento) foi de R\$ 2,2 bilhões em 2014, tendo apresentado queda real de 4%. O nível desse indicador em 2014 foi 19,4% menor do que em 2011.

Contribuíram com esses resultados os números do comércio exterior relativos a 2014. O valor em dólares das exportações recuou 7,4%. E, muito embora as importações também tenham caído (2,2%), o déficit comercial cresceu 10,6%, atingindo a marca de US\$ 71,3 milhões. Com isso, a participação das importações no mercado brasileiro de tintas e vernizes também se ampliou, passando de 6,6% para 6,9% entre 2013 e 2014.

Em linha com a produção, o nível de emprego teve queda de 0,9% em 2014, atingindo a marca de 14,7 mil postos de trabalho contra 14,8 mil postos no ano anterior. O emprego permaneceu fortemente concentrado no Sudeste,

que respondeu por 61,7% do total de empregados, seguido de longe pela região Sul (18,7%).

O valor adicionado por trabalhador no segmento atingiu a marca de R\$ 153,8 mil em 2014. Na média do período 2011-14, esse indicador caiu, em termos acumulados, cerca de 23%, o equivalente a 7,1% ao ano em média.

Tintas e Vernizes

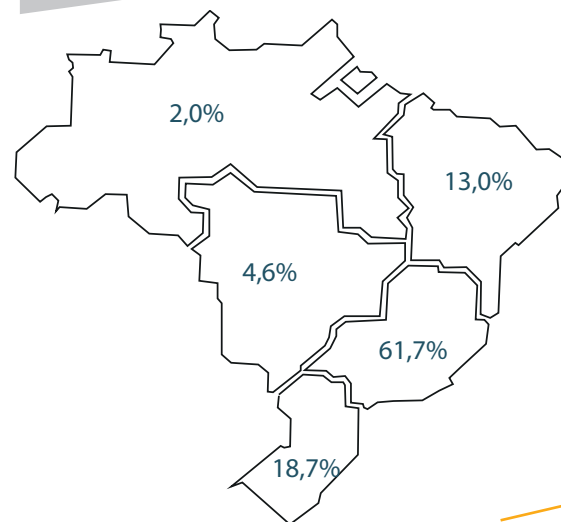
Atividades (CNAE): Tintas, vernizes, esmaltes e lacas

Produtos: Tintas e vernizes de todos os tipos utilizados em obras de construção civil.

Distribuição regional da ocupação

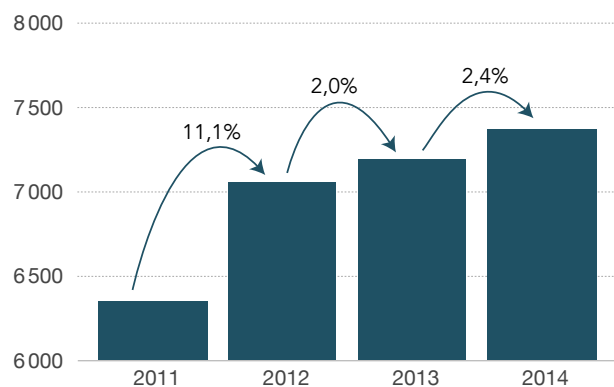
Ano 2010	Empregados*	(%)
Norte	293	2,0%
Nordeste	1.929	13,0%
Sudeste	9.136	61,7%
Sul	2.769	18,7%
Centro-Oeste	686	4,6%

Fonte: FGV • Nota: (*) com carteira de trabalho



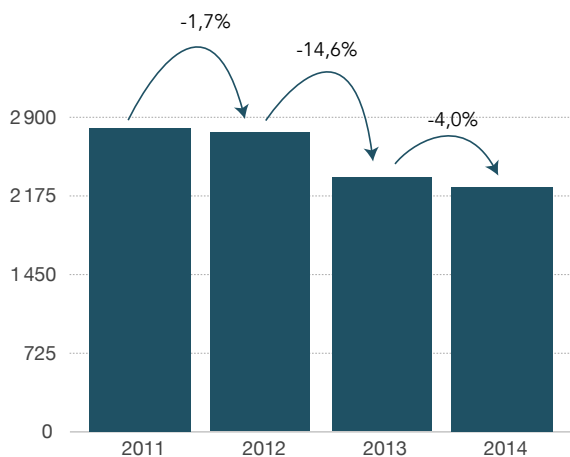
“ PIB do setor encolhe 4% em 2014 ”

Vendas* em R\$ milhão



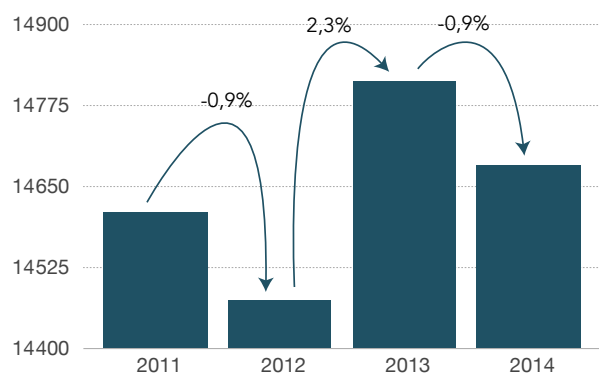
Fonte: FGV • Nota: (*) receita líquida a preços correntes.

Valor Adicionado em R\$ milhão*



Fonte: FGV • Nota: (*) a preços de 2014

Empregados*



Fonte: FGV • Nota: (*) com carteira de trabalho

Operações em 2014

R\$ Milhão

Valor Bruto da Produção	7.422,0
Consumo Intermediário	5.164,1
Valor Adicionado	2.258,0
Remunerações	3.655,8
Salários	2.479,4
Contribuições sociais	668,2
Outros*	508,3
Excedente operacional bruto	3.716,5
Pessoal ocupado (pessoas)**	14.683

Produtividade

VA por trabalhador (em R\$)	153.782
Evolução da produtividade do trabalho (% ao ano)	-7,1%

Fonte: FGV. Nota: (*) previdência privada, benefícios e indenizações. (**) em dezembro de 2014

Comércio Exterior em US\$ milhão

Exportações	Importações	Saldo	Câmbio
162,51	174,02	-11,51	1,67
181,36	200,72	-19,36	1,95
155,48	219,95	-64,47	2,16
143,90	215,19	-71,29	2,35

Comércio Exterior em R\$ milhão

Exportações	Importações	Saldo
272,07	291,34	-19,27
354,37	392,21	-37,84
335,38	474,44	-139,06
338,60	506,34	-167,74

Penetração	Consumo Aparente em R\$ milhão	Variação
4,6%	6.376	-
5,6%	7.097	11,3%
6,6%	7.336	3,4%
6,9%	7.540	2,8%

9.

VIDRO E PRODUTOS DE VIDRO

O valor nominal das vendas de vidros cresceu 8,2% em 2014 depois de apresentar retração de 0,9% em 2013 e 7,2% em 2012. Segundo dados revisados pelo IBGE, as vendas atingiram um total de R\$ 1,9 bilhão em 2014.

O valor adicionado do segmento (PIB setorial) sofreu baixa de 5,6% neste ano, já descontada a inflação setorial. Com isso, o indicador atingiu a marca de R\$ 719 milhões no ano. Apesar de continuar sofrendo retração, a intensidade da queda do valor adicionado vem diminuindo depois de um pico de -17,9% em 2012.

O nível de emprego se mantém crescendo, porém, a intensidade da variação baixou de 7,4% em 2013 para 1,2% em 2014. Segundo dados revisados do Ministério do Trabalho, o nível de emprego setorial atingiu 9,8 mil neste ano.

O déficit comercial apresentou redução de 47%, atingindo US\$ 102,2 milhões em 2014. Enquanto o valor importado caiu 35,2%, as exportações aumentaram 61,6%. Ainda assim, as exportações representam apenas 2% da demanda do segmento, enquanto as importações equivalem à 7,3%.

A combinação dos números de geração de valor (PIB) e emprego resultou em queda da

produtividade setorial (valor adicionado por trabalhador). Em termos reais, esse indicador registrou baixa de 14,4% em 2014, atingindo o equivalente a R\$ 73,3 mil por trabalhador.

Vidro

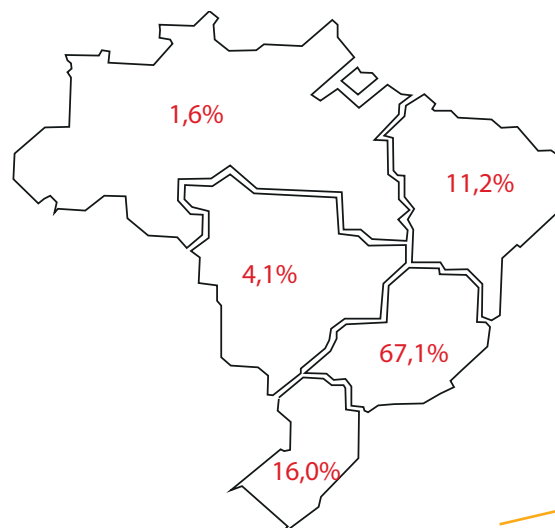
Atividades (CNAE): Chapas e folhas de vidros, vidros laminados e temperados e ladrilhos.

Produtos: Vidros lisos e processados de todos os tipos utilizados na construção civil; ladrilhos, tijolos e pastilhas de vidro.

Distribuição regional da ocupação

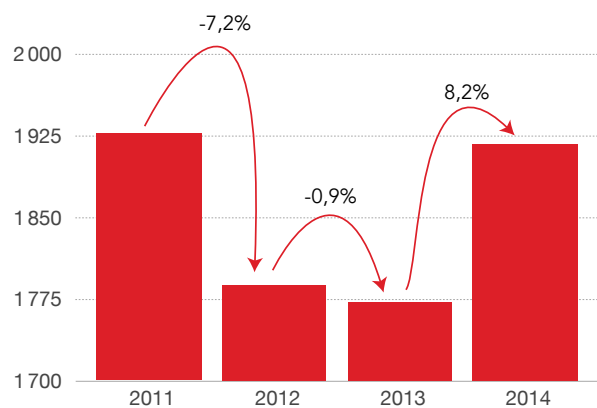
Ano 2010	Empregados*	(%)
Norte	156	1,6%
Nordeste	1.082	11,2%
Sudeste	6.500	67,1%
Sul	1.549	16,0%
Centro-Oeste	400	4,1%

Fonte: FGV • Nota: (*) com carteira de trabalho



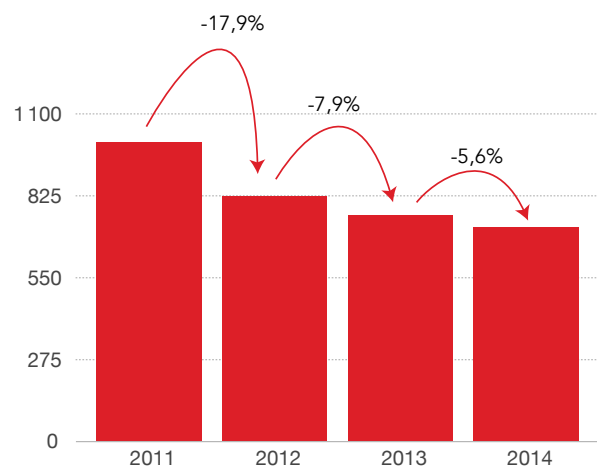
“Emprego segue crescendo em 2014 e atinge 9,8 mil trabalhadores”

Vendas* em R\$ milhão



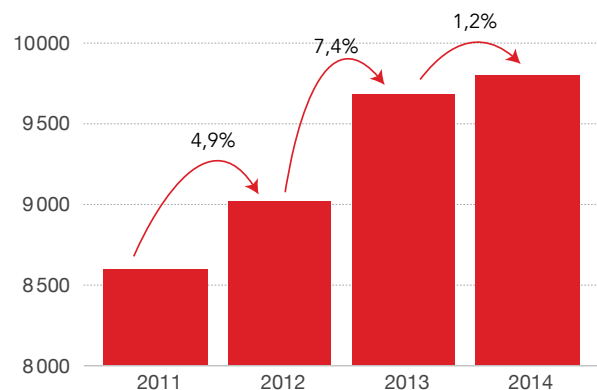
Fonte: FGV • Nota: (*) receita líquida a preços correntes.

Valor Adicionado em R\$ milhão*



Fonte: FGV • Nota: (*) a preços de 2014.

Empregados*



Fonte: FGV • Nota: (*) com carteira de trabalho

Operações em 2014

R\$ Milhão

Faturamento líquido	1.918,1
Valor Bruto da Produção	1.954,7
Consumo Intermediário	1.236,2
Valor Adicionado	718,5
Remunerações	1.101,7
Salários	763,9
Contribuições sociais	153,8
Outros*	184,1
Excedente operacional bruto	816,4
Pessoal ocupado (pessoas)**	9.801

Produtividade

VA por trabalhador (em R\$)	73.310
Evolução da produtividade do trabalho (% ao ano)	-14,4%

Fonte: FGV. Nota: (*) previdência privada, benefícios e indenizações. (**) em dezembro de 2014

Comércio Exterior em US\$ milhão

Exportações	Importações	Saldo	Câmbio
29,12	248,44	-219,32	1,67
25,88	205,44	-179,56	1,95
23,52	216,18	-192,66	2,16
38,00	140,17	-102,17	2,35

Comércio Exterior em R\$ milhão

Exportações	Importações	Saldo
48,76	415,94	-367,18
50,56	401,42	-350,86
50,73	466,30	-415,56
89,41	329,81	-240,40

Penetração	Consumo Aparente em R\$ milhão	Variação
21,6%	2.294	-
22,5%	2.139	-6,8%
26,3%	2.188	2,3%
17,2%	2.159	-1,4%

10.

MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS PARA CONSTRUÇÃO

A variação das vendas de máquinas e equipamentos em 2014 foi menor que a registrada em 2013, quando a receita líquida a preços correntes subiu 46,6%, mas continuaram aumentando. Assim, em 2014 o setor cresceu 8,1% e o faturamento do segmento chegou a R\$ 21,9 bilhões.

Em 2014 as exportações caíram 14,3% em relação à 2013, enquanto as importações diminuíram 0,4% na mesma comparação. Os valores chegaram a US\$ 38,4 milhões e US\$ 137,1 milhões, respectivamente, fazendo o déficit comercial atingir o valor de US\$ 98,7 milhões em 2014 (crescimento de 6,3%).

Por sua vez o valor adicionado, isto é, o PIB do segmento, registrou redução de mais de 0,7% em termos reais em 2014. Esse desempenho foi bastante diferente daquele registrado em 2013, quando o setor cresceu 23,8% em termos reais.

A ocupação no setor diminuiu 2,2% em 2014, segundo dados do Ministério do Trabalho e Emprego. Com isso, o nível de emprego praticamente voltou à mesma marca de 55,9 mil trabalhadores registrada em 2012.

A produtividade, por sua vez, teve alta de 0,5% em termos reais em 2014 frente ao ano anterior, estabilizando na marca de R\$ 139 mil por empregado.

“ **Exportações caem mais do que importações em 2014.** ”

Máquinas e equipamentos para construção

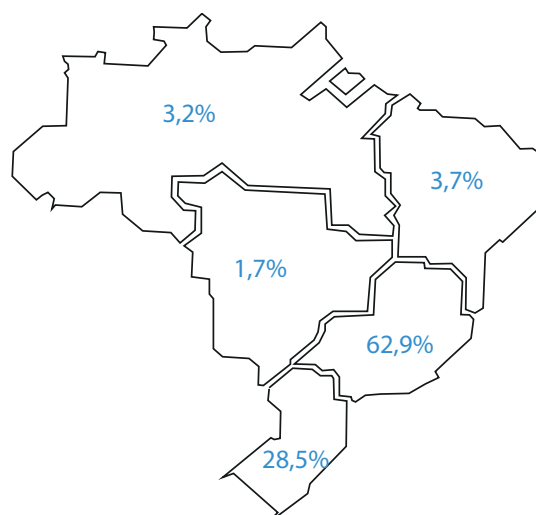
Atividades (CNAE): máquinas e equipamentos empregados na construção de edificações, infraestrutura e obras de arte.

Produtos: equipamentos de todos os tipos utilizados em canteiros de obras (exs. guas, guinchos, elevadores, balancins, escoramentos, misturadores, compactadores, etc.)

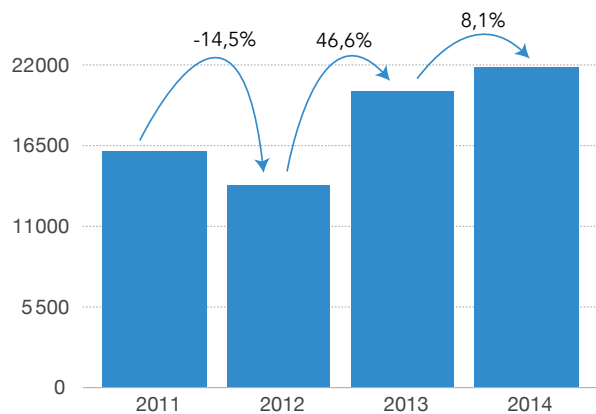
Distribuição regional da ocupação

Ano 2010	Empregados*	(%)
Norte	1.838	3,2%
Nordeste	2.104	3,7%
Sudeste	35.999	62,9%
Sul	16.294	28,5%
Centro-Oeste	954	1,7%

Fonte: FGV • Nota: (*) com carteira de trabalho

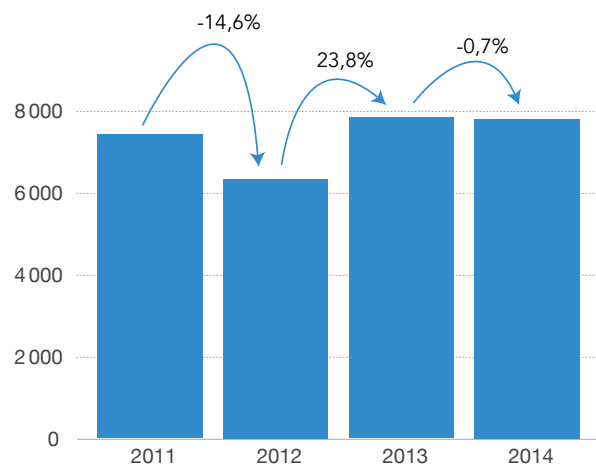


Vendas* em R\$ milhão



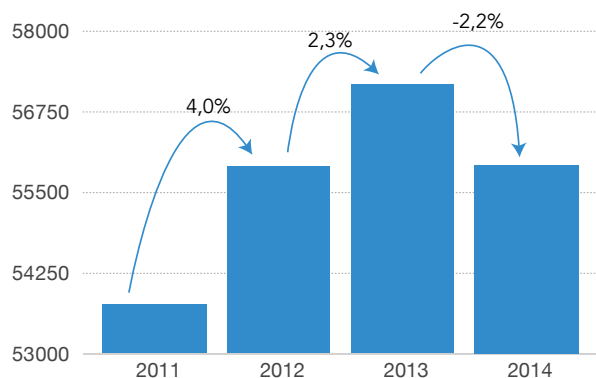
Fonte: FGV • Nota: (*) receita líquida a preços correntes.

Valor Adicionado em R\$ milhão*



Fonte: FGV • Nota: (*) a preços de 2014.

Empregados*



Fonte: FGV • Nota: (*) com carteira de trabalho

Operações em 2014

R\$ Milhão

Faturamento líquido	21.889,7
Valor Bruto da Produção	23.805,0
Consumo Intermediário	15.986,1
Valor Adicionado	7.818,9
Remunerações	13.603,1
Salários	9.631,0
Contribuições sociais	2.299,1
Outros*	1.673,0
Excedente operacional bruto	8.286,6
Pessoal ocupado (pessoas)**	55.924

Produtividade

VA por trabalhador (em R\$)	139.813
Evolução da produtividade do trabalho (% ao ano)	0,3%

Fonte: FGV. Nota: (*) previdência privada, benefícios e indenizações. (**) em dezembro de 2014

Comércio Exterior em US\$ milhão

Exportações	Importações	Saldo	Câmbio
52,90	117,88	-64,98	1,67
43,97	111,84	-67,87	1,95
44,77	137,66	-92,89	2,16
38,37	137,10	-98,73	2,35

Comércio Exterior em R\$ milhão

Exportações	Importações	Saldo
88,56	197,36	-108,80
85,93	218,54	-132,62
96,57	296,94	-200,37
90,27	322,59	-232,31

Penetração	Consumo Aparente em R\$ milhão	Varição
1,2%	16.256	-
1,6%	13.944	-14,2%
1,5%	20.452	46,7%
1,5%	22.122	8,2%



METODOLOGIA



Este estudo apresenta estimativas inéditas das operações da cadeia da construção civil e da indústria de materiais entre 2011 e 2014. As pesquisas do IBGE trazem informações consolidadas até 2013 para os segmentos da indústria de materiais e até 2012 para a indústria da construção. Os dados de 2013 e 2014, contudo, ainda são preliminares e foram estimados a partir de informações setoriais de evolução de preços e de quantidades físicas.

As informações setoriais de vendas e produção partiram da ABRAMAT, da Pesquisa Mensal do Comércio e da Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física do IBGE e de associações setoriais (ANFACER, SNIC etc.). Os dados de emprego e remunerações vieram do sistema Rais/Caged do Ministério do Trabalho e Emprego e da pesquisa mensal de emprego e desemprego do IBGE. A evolução de preços dos vários produtos e serviços, por sua vez, foi obtida nos indicadores produzidos pela FGV (INCC e IPA) e nos dados do Sistema Nacional de Índice de Preços ao Consumidor do IBGE.

Para estimar os valores de renda, emprego, investimento etc. de cada setor, a inferência baseou-se nas relações técnicas de produção obtidas nas matrizes insumo-produto de 2011, considerando as evoluções de produtividade e custo observadas no passado recente.

Os segmentos da indústria de materiais, máquinas e equipamentos da construção também foram revistos. Ao todo foram incorporados 6 segmentos e 1 segmento deixou de ser considerado, conforme mostra o anexo 2. Para maiores detalhes sobre os produtos considerados em cada segmento ver anexo 1. Essa revisão amplia a abrangência da indústria da construção e aprofunda a segmentação de produtos do setor.

Relação de CNAEs da Indústria de Materiais de Construção

CNAE	Descrição	Principais produtos considerados
8.1 (parcial)	Extração de pedra, areia e argila	Pedras calcárias, areia, cascalhos e seixos, pós e lascas de pedra, brita
16.1 (parcial)	Desdobramento de madeira	Dormentes, madeira bruta tratada, perfis de madeira, postes de madeira, pranchas de madeira, tábuas, ripas, tacos, forros de madeira
16.2 (parcial)	Fabricação de produtos de madeira, cortiça e material trançado, exceto móveis	Estruturas de madeira, fôrmas de madeira para concreto, caibros e vigas de madeira, esquadrias de madeira, construções pré-fabricadas de madeira, escadas e degraus de madeira, painéis de assoalhos, portas e janelas de madeira e painéis de OSB
20.7 (parcial)	Fabricação de tintas, vernizes, esmaltes, lacas e produtos afins	Tintas imobiliárias, vernizes, massa de vidraceiro, massa de calafetar, solventes e removedores de tintas
20.9 (parcial)	Fabricação de produtos e preparados químicos diversos	Adesivos diversos para construção civil e selantes, aditivos para concreto e argamassas
22.1 (parcial)	Fabricação de produtos de borracha	Revestimentos de piso de borracha
22.2 (parcial)	Fabricação de produtos de material plástico	Espumas de poliuretano, fita isolante, tubos e conexões de plástico para instalações hidráulicas, eletrodutos, assentos sanitários, banheiras, chuveiros, pias e lavatórios de plástico, caixas de descarga de plástico, construções pré-fabricadas de plástico, elementos estruturais de plástico para construção, persianas, esquadrias de plástico (portas, janelas, soleiras), caixas d'água, cisternas, piscinas de plástico, revestimentos de plástico para pisos, paredes e, tetos
23.1 (parcial)	Fabricação de vidro e de produtos do vidro	Vidros, espelhos, vidros de segurança, artefatos de fibra de vidro para isolamento térmico, blocos, pastilhas, ladrilhos e telhas de vidro, isoladores de vidro para uso elétrico
23.2	Fabricação de cimento	Cimentos Portland, cimentos aluminosos, hidráulicos, brancos
23.3	Fabricação de artefatos de concreto, cimento, fibrocimento, gesso e materiais semelhantes	Argamassas, artefatos de fibro cimento com amianto, blocos de concreto, tubos de concreto, artefatos de fibro cimento sem amianto, chapas, painéis e outros elementos de gesso, construções pré-fabricadas de concreto, elementos pré-fabricados de concreto (estacas, postes, caixas d'água, etc), concreto usinado, painéis, blocos, telhas de fibras vegetais com cimento, telhas, ladrilhos, lajes de concreto
23.4 (parcial)	Fabricação de produtos cerâmicos	Cimentos, argamassas e concretos refratários, tijolos, ladrilhos de cerâmica refratária, elementos de chaminés, ornamentos arquitetônicos de cerâmica, ladrilhos, placas, azulejos para revestimento, esmaltados, ladrilhos, placas, azulejos para revestimento, não esmaltados, pastilhas cerâmicas, telhas cerâmicas, tijolos cerâmicos, tubos cerâmicos, isoladores de cerâmica para uso elétrico, louças sanitárias
23.9 (parcial)	Aparelhamento de pedras e fabricação de outros produtos de minerais não-metálicos	Ardósia, granito, revestimentos de pedra, mármore, pedras para pavimentação, cal hidratada, cal virgem, gesso, telhas asfálticas, asfalto, isolantes minerais, tarmacadame, argila expandida
24.2 (parcial)	Siderurgia	Bobinas e chapas de aços zincadas (galvanizadas), barras de aço inox, estacas prancha, perfis de aço, perfis de aço, trilhos para ferrovias, tubos de aço sem costura, vergalhões de aço, acessórios para trilhos ferroviários, arames, arames farpados, perfis soldados, barras, vergalhões relaminados
24.3 (parcial)	Produção de tubos de aço, exceto tubos sem costura	Tubos de aço com costura e acessórios para tubos, tubos para revestimentos de poços de petróleo, acessórios para tubos de ferro fundido, tubos e perfis de ferro fundido
24.4 (parcial)	Metalurgia dos metais não-ferrosos	Conexões para tubos de alumínio, perfis de alumínio, chapas e tiras de alumínio, folhas de alumínio, tubos de alumínio, chapas e tiras de cobre, tubos e conexões de cobre, chapas de zinco
25.1 (parcial)	Fabricação de estruturas metálicas e obras de caldeiraria pesada	Portões, balcões, balaústres de ferro e aço, box para banheiro em alumínio, esquadrias de alumínio, esquadrias de aço
25.2 (parcial)	Fabricação de tanques, reservatórios metálicos e caldeiras	Caldeiras de aquecimento central, radiadores para aquecimento central, reservatórios de aço para água, petróleo, gasolina, óleo
25.3 (parcial)	Forjaria, estamparia, metalurgia do pó e serviços de tratamento de metais	Telhas metálicas onduladas
25.4 (parcial)	Fabricação de artigos de cutelaria, de serralheria e ferramentas	Cadeados, chaves para cadeados, dobradiças, fechaduras, fechos automáticos de portas, guarnições e ferragens para construção
25.9 (parcial)	Fabricação de produtos de metal não especificados anteriormente	Calhas, cumeeiras de zinco, escadas de ferro e aço, ferragens para linhas elétricas, pias, cubas, lavatórios de ferro e aço
27.3 (parcial)	Fabricação de equipamentos para distribuição e controle de energia elétrica	Aparelhos para interrupção, seccionamento, proteção, derivação, ligação ou conexão de circuitos elétricos, disjuntores, fusíveis, para-raios, limitadores de tensão, quadros, painéis, cabines com aparelhos elétricos de interrupção ou proteção, reguladores de voltagem, seccionadores ou interruptores, aparelhos para proteção de circuitos elétricos, conectores para cabos planos, conectores para fibra ótica, disjuntores, fusíveis, interruptores, relés, tomadas, cabos coaxiais, cabos de fibras óticas, chicotes elétricos, fios e cabos baixa e alta tensão
28.1 (parcial)	Fabricação de motores, bombas, compressores e equipamentos de transmissão	Bombas, peças para torneiras, válvulas e registros, válvulas de alívio, válvulas redutoras de pressão, válvulas de retenção, válvulas borboleta, válvulas de esfera, válvulas de gaveta, válvulas de globo, válvulas tipo macho
28.2 (parcial)	Fabricação de máquinas e equipamentos de uso geral	Aquecedores de água instantâneos ou de acumulação, não elétricos, aquecedores solares de água, peças para aquecedores solares, e à gás, elevadores, escadas e esteiras rolantes, peças para elevadores
32.9 (parcial)	Fabricação de produtos diversos	Pincéis e ferramentas de pintura

Revisão dos segmentos da indústria de materiais da construção

Segmentos no Perfil da Cadeia 2015

Segmentos nos Perfis da Cadeia Anteriores

Indústrias de materiais de construção	Indústrias de materiais
Extração de pedra, areia e argila	Extração de pedra, areia e argila
Artefatos têxteis, exceto vestuário	
Desdobramento de madeira	Desdobramento de madeira
Produtos de madeira, cortiça e material trançado - exceto móveis	Produtos de madeira, cortiça e material trançado - exceto móveis
Produtos derivados do petróleo	
Tintas, vernizes, esmaltes, lacas e afins	Tintas, vernizes, esmaltes, lacas e afins
Produtos e preparados químicos diversos	
Produtos de material plástico	Produtos de material plástico
Vidro e de produtos do vidro	Vidro e de produtos do vidro
Cimento	Cimento
Artefatos de concreto, cimento, fibrocimento, gesso e semelhantes	Artefatos de concreto, cimento, fibrocimento, gesso e estuque
Produtos cerâmicos	Produtos cerâmicos
Aparelhamento de pedras e fabr. de outros produtos de minerais não metálicos	Aparelhamento de pedras e fabr. de cal e de outros produtos de minerais não-metálicos
	Ferro-gusa e de ferroligas
Siderurgia	Siderurgia
Tubos de aço, exceto tubos sem costura	Tubos - exceto em siderúrgicas
Metalurgia de metais não ferrosos	Metalurgia de metais não-ferrosos
Fundição	
Estruturas metálicas e obras de caldeiraria pesada	Estruturas metálicas e obras de caldeiraria pesada
Tanques, reservatórios metálicos e caldeiras	Tanques, caldeiras e reservatórios metálicos
Outros produtos de metal	Produtos diversos de metal
Eletrodomésticos	
Equipamentos e aparelhos elétricos não especificados anteriormente	
Motores, bombas, compressores e equipamentos de transmissão	Motores, bombas, compressores e equipamentos de transmissão
Equipamentos para distribuição e controle de energia elétrica	Equipamentos para distribuição e controle de energia elétrica
Indústrias de máquinas e equipamentos para construção	Indústrias de máquinas e equipamentos para construção
Artigos de cutelaria, de serralheria e ferramentas	Artigos de cutelaria, de serralheria e ferramentas manuais
Máquinas e equipamentos de uso geral	Máquinas e equipamentos de uso geral
Máquinas e equipamentos de uso na extração mineral e na construção	Máquinas e equipamentos de usos na extração mineral e construção



Anexo 3 - Conheça a cadeia da construção: Elos da produção



O conceito de cadeia produtiva refere-se aos estágios percorridos pelas matérias-primas, nos quais elas vão sendo transformadas e montadas, com o emprego de trabalho e tecnologia. Por trás de um edifício pronto, há um complexo processo de produção, que envolve elos da indústria da construção, da indústria de materiais, do comércio, dos serviços e da indústria de equipamentos. O conjunto desses elos é chamado de cadeia produtiva.

Cada material de construção empregado na obra tem sua própria cadeia produtiva. Por exemplo, os blocos de concreto utilizados na edificação pertencem à cadeia produtiva dos produtos de calcário. Essa cadeia se inicia na extração do calcário, que é a principal matéria-prima. O cimento é o produto intermediário e, num estágio de maior transformação, encontra-se o bloco de concreto. A atividade de construir movimenta, portanto, um amplo conjunto de atividades e por isso tem impactos que vão além dos resultados diretos de sua produção.

A indústria da construção civil, o núcleo dentro da cadeia produtiva, é o destino da produção dos demais segmentos envolvidos – em 2014, ela foi responsável por 65,3% do PIB (ou valor agregado) e 69,9% do emprego da cadeia da construção. Assim, a construção civil determina, em grande medida, o nível de atividade de todos os setores que a circundam.

A indústria de materiais e equipamentos, por sua vez, representou 12,2% do PIB e 6,4% do emprego da cadeia produtiva da construção em 2014. Nela destacam-se oito cadeias de produção:

- Madeiras
- Argilas e silicatos
- Calcários
- Materiais químicos e petroquímicos
- Siderurgia de aços longos
- Metalurgia de não-ferrosos
- Materiais elétricos
- Máquinas e equipamentos para a construção

Cada uma dessas cadeias é formada por vários setores, responsáveis por uma vasta gama de produtos.

A cadeia de produtos de madeira se inicia na extração vegetal, passa pelo comércio de produtos in natura e chega às serrarias, onde ocorre o desdobramento da madeira, ou seja, onde é serrada e trabalhada. A partir daí ela é adquirida diretamente pela construção civil (na forma de vigas e tábuas, por exemplo) ou é laminada ou transformada em chapas (compensada, prensada ou aglomerada), ou ainda é utilizada para a fabricação de esquadrias, de casas pré-fabricadas, de estruturas de madeira e artigos de carpintaria.

Da extração de minerais não metálicos e não orgânicos, caracterizam-se duas cadeias: a de argilas e silicatos e a dos calcários. A primeira é composta por produtos cerâmicos não refratários (tijolos, telhas e ladrilhos), pisos e azulejos, louças sanitárias, vidro, pedra e areia. A segunda é formada por produtos à base de calcários, como cimento, cal, gesso, concreto e fibrocimento.

A quarta cadeia produtiva é formada por produtos derivados de materiais químicos e petroquímicos. Nela, encontram-se os compostos de plásticos (pisos, revestimentos etc.), de PVC (tubos, conexões, revestimentos), bem como tintas, vernizes, impermeabilizantes, solventes, asfalto e fibras têxteis, que dão origem a artefatos de tapeçaria. Nela também está o óleo diesel, empregado como combustível.

A quinta e sexta cadeias são compostas por produtos metálicos: a de produtos da siderurgia e de produtos de metais ferrosos e a de produtos da metalurgia de metais não ferrosos. As cadeias de metálicos, ferrosos e não ferrosos, englobam vergalhões e outros produtos do aço (como pregos e arames), portas e esquadrias (de alumínio, aço ou ferro), estruturas metálicas, metais sanitários, ferragens (como dobradiças e fechaduras) e tubos de ferro galvanizado.

As cadeias de produtos de materiais elétricos e de máquinas e equipamentos combinam produtos de outras cadeias produtivas já citadas. A cadeia de materiais elétricos é responsável pela produção de fios e cabos elétricos, de materiais para instalações em circuito de consumo de energia e de aparelhos e equipamentos para distribuição e controle de energia. Ela reúne, essencialmente, matérias-primas que vêm da cadeia de produtos de matérias plásticas, com produtos da metalurgia de não ferrosos.

A cadeia de máquinas e equipamentos para obras e edificações faz parte da indústria de bens de capital e é responsável pela produção de máquinas e equipamentos de elevação de cargas e pessoas e de aparelhos de ar condicionado para uso central. Essa cadeia emprega produtos da indústria metalmeccânica e de material elétrico.

Boa parte da demanda por esses produtos da indústria de materiais é comercializada por empresas atacadistas e varejistas de materiais de construção, que também pertencem à cadeia produtiva. O comércio representou 9,5% do PIB e emprego da cadeia produtiva da construção em 2014. Além das empresas industriais e comerciais, há uma vasta gama de prestadores de serviços (técnicos, financeiros de incorporação etc.) que, direta ou indiretamente, estão envolvidos na cadeia produtiva da construção – esse segmento representou 6,4% do PIB e 9,4% do emprego da cadeia da construção em 2014.

NO AR SO



Av. Paulista 1159 • conjunto 212/213
Cerqueira César • CEP 01311-921 - São Paulo - SP
Fone: +55 (11) 3549-3480 • E-mail: abramat@abramat.org.br

